

Jon Sobrino e sua releitura teológica

O lugar privilegiado para Jesus é o amor serviçal ao pobre, ao pequeno, ao oprimido. Estes são o seu rosto privilegiado na história, e estes são os que entendem o Reino.²³¹

Neste capítulo será destacada a importância da obra teológica de Jon Sobrino²³² para a missão da Igreja hoje na América Latina e no mundo. Confirmar-se-á que sua teologia é tecida à luz do Deus revelado²³³ em Jesus Cristo, que ungido e conduzido pelo Espírito, anuncia o Reino de Deus às vítimas da história. Comprovar-se-á que é uma teologia impregnada pela ética²³⁴ de

²³¹ SOBRINO, Jon. *O seguimento de Jesus como discernimento cristão*. In: *Conciliium*/139, 1978/9, p. 20.

²³² Em um dos capítulos de sua obra 'Teoria do Método Teológico', Clodovis Boff fala magistralmente do verdadeiro teólogo. A frase a ser citada, encaixa perfeitamente para dizer a importância da obra de Jon Sobrino e por sua vez, de tudo o que ele expressa à luz de sua experiência de vida, de sua 'honradez com o real' e de seu itinerário teológico: "Só uma pessoa 'iluminada' é capaz de ver tudo 'à luz da fé'. Quem não é misticamente iluminado não pode ser verdadeiro teólogo. O teólogo é antes de tudo 'alguém que viu', uma testemunha, um contemplativo. Pois só assim possui ele o sentido do divino, o 'senso de Cristo' (1 Cor 2,16). Enquanto teólogo, ele nada mais se faz senão elaborar de maneira crítico-científica aquilo mesmo que ele intuiu previamente através da percepção da fé". BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 50.

²³³ "O teólogo é iluminado pelo Espírito e feito capaz de ver tudo banhado na luz divina". *Ibid.*, p. 55.

²³⁴ A ética teológica é compreendida como a teoria da orientação da vida sob as exigências da fé. A realidade da fé cristã deve tornar-se de maneira nova, tema no seio da ética. O que requer a vinculação da ética às instituições fundamentais da teologia bíblica e sistemática (conversão religiosa, [metanóia], seguimento; doutrina da criação, cristologia, soteriologia), bem como, uma ligação positivamente crítica da mensagem cristã da liberdade com a moderna história da liberdade. Cf. HILPERT, Konrad. *Ética social/Solidariedade*. In: *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, p. 252.

compaixão, justiça e solidariedade;²³⁵ possui no seu âmago a mística²³⁶ do reencantamento no mundo das vítimas; e é sinal de *profecia*²³⁷ e testemunho no despertar da inumanidade para as não-vítimas.

As questões a seguir, nortearão este capítulo: Qual a relevância da obra teológica de Jon Sobrino para a missão da Igreja hoje na América Latina e no Caribe? Como ele desenvolve o Deus revelado em Jesus Cristo e como o anúncio do Reino de Deus ilumina a teologia e a prática pastoral na realidade das vítimas? Onde se percebe a postura ética, mística e profética no labor teológico de Jon Sobrino?

²³⁵ O termo *solidariedade*, oriundo do campo jurídico (*in solidum obligari* = responder pelo todo), significa a central dimensão ético-social de orientação dos esforços em prol de vida em comum e justa na sociedade. A solidariedade obtém sua qualidade ética mais forte quando abrange atos de representação em situações de desigualdade. Ou seja, quando se estende precisamente a pessoas dependentes, oprimidas, necessitadas ou em estado de miséria. Solidariedade como identificação e comprometimento em favor dos membros mais fracos de uma sociedade pode, em consequência, ser dolorosa, enquanto pode estar vinculada com custos, sacrifícios pessoais e sujeições às finalidades do todo social. Sua finalidade é agir para o bem dos outros. Sua base é o reconhecimento de uma comunitariedade. Teologicamente, a solidariedade, como prática tanto de indivíduos como de grupos no horizonte da esperança de uma nova humanidade, na qual todos possuam os mesmos direitos e experimentem realização em suas necessidades, funda-se no agir de Jesus (Cf. GS 23-32). A tradição bíblica dá testemunho de seu voltar-se para os pobres e marginalizados sociais como sua característica. Neste agir solidário e em sua paixão, Jesus manifesta a vontade salvífica de Deus e a justiça do seu amor. Sua existência e seu destino todo valem para a fé cristã como expressão da solidariedade de Deus para com os homens necessitados de redenção. O conteúdo da solidariedade é concebido aí nas figuras do amor do próximo, da reconciliação ativa (Rm 5,10; 2 Cor 5,18s; Cl 1,20-22), da representatividade (2Cor 5,21), da libertação (Rm 8,2s), da renúncia (2 Cor 8,9), do fazer-se igual no sofrimento e na tentação (Hb 2,17s; 4,15), da participação (1 Cor 10,16; Gl 3,14), etc. A solidariedade de Deus para com os homens, conforme convicção bíblico-cristã, muda qualitativamente também as relações sociais dos homens: sendo assim, faz surgir uma nova pertença social que ultrapassa todas as outras existentes, para a qual a relação entre irmãos oferece o paradigma normativo. O *etos*, que corresponde a essa intuição, descreve-se com auxílio das categorias do serviço mútuo e do amor fraterno. Ibid., 267-270.

²³⁶ Etimologicamente, *mística* provém do verbo *myô*, que significa o procedimento de fechar os olhos e olhar para o interior. Daí se deriva o tipo de mística do mergulho no divino. Historicamente, é constatada uma associação linguística e uma conexão objetiva com os cultos místéricos: *myéô* significa iniciar-se nos mistérios; *mystês* era o iniciado nos mistérios. A história da mística cristã é história teológica da encarnação. O *Crucificado* (mística da paixão) e o *Ressuscitado* (mística da luz) são parte dela. Mística cristã é, pois, experiência de Cristo, não importando seja descrito no paradigma da visão contemplativa ou do nascimento de Deus no coração. É também, mudança da vida prática e pode ser portadora de traços de referência ao mundo por razões teológicas. Pois, partindo-se da unidade e teologia da criação e da encarnação, o mundo surge como campo da santificação e como sinal em que se inclui toda a metáfora de Deus como o mistério do mundo, podendo ser desvelada. Cf. MIETH, Dietmar. *Mística In: Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, pp. 268-269.

²³⁷ O profeta é mensageiro e porta-voz de determinada divindade, com a qual ele trata intuitivamente, ou seja, comunica sua mensagem divina (oráculo) espontaneamente a outros ou a pedido deles. Os profetas contemporâneos do século XX encontram-se entre “grandes homens” que se destacam na vida política, religiosa e espiritual. Cf. LANG, Bernhard. *Profecia. In: Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, pp. 723-727.

3.1.

A relevância da obra teológica de Jon Sobrino para a missão da Igreja hoje na América Latina e no Caribe

Será uma Igreja em que todos se levem mutuamente, mas neste levar-se compete aos pobres a função privilegiada de converter os outros, de levá-los em sua fé. E como Igreja dos pobres, ela é sacramento de libertação a serviço do Reino de Deus.²³⁸

A intenção principal deste item é responder à questão acerca da relevância que tem a obra teológica de Jon Sobrino para a missão da Igreja hoje na América Latina e no Caribe. O fator decisivo da articulação do pensamento de Sobrino está em conexão com a realidade latino-americana, com a qual, toda a sua teologia busca transformar. Influenciado pelas Cristologias progressistas,²³⁹ ele analisa alguns autores europeus na sua primeira obra cristológica, para em seguida, mostrar a peculiaridade de seu pensamento teológico desde a realidade latino-americana.²⁴⁰

Em suas reflexões, suscita questões sobre os seres humanos, sobre Deus e sobre a salvação. Concentra-se em torno da graça e do pecado, de liberdade e justiça, encobrimento e agravo comparativo, mentira e vontade de verdade, santidade primordial e bondade contracultural, pobreza e utopia.²⁴¹ E conceituando-as à luz da tradição bíblico-cristã, historiada fundamentalmente pela teologia da libertação, reflete-as desde El Salvador. Deste modo, suas cogitações

²³⁸ SOBRINO, Jon. *O seguimento de Jesus como discernimento cristão*, p. 26.

²³⁹ São as Cristologias surgidas na Europa durante o século XX. Elas representam uma ruptura com os métodos escolásticos, incorporando os resultados das ciências bíblicas, operando um retorno às fontes e aceitando a problemática científico-filosófico-teológica do ser humano a quem se dirigem. Cf. Id. *O Princípio Misericórdia*, pp. 12-16. Cf. Tb. HAMMES, Érico João. “*Filii in Filio*”. *A divindade de Jesus como Evangelho da filiação no seguimento. Um estudo em Jon Sobrino*. Dissertatio ad Doctaratum in Facultate Theologiae Pontificiae Universitatis Gregorianae (PUG), Roma, 1995, p. 27.

²⁴⁰ Sobrino analisa as cristologias de Karl Rahner, W. Pannenberg e Jürgen Moltmann. Cf. SOBRINO, Jon. *Cristologia na América Latina: esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*. Petrópolis, Vozes, 1983, pp. 19-29. Para um aprofundamento maior do influxo europeu na formação de Sobrino, sugere-se a leitura do primeiro capítulo da primeira parte da tese doutoral de E. J. Hammes. Cf. HAMMES, E. J. *Filii in Filio*, pp. 27-60.

²⁴¹ Cf. SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?*, p. 24.

mesmo tendo um caráter específico de impotência, são impregnadas de muita esperança:²⁴² “As vítimas não podem ser ignoradas e desprezadas”.²⁴³

Apreende-se em sua reflexão teológica, a capacidade e o empenho de unir teoria e *práxis*, contribuindo, deste modo, a liberar a realidade da sua miséria, transformando esta última, e realizando, assim paralelamente, a mudança da realidade e o resgate do sentido da fé.²⁴⁴ Além disso, sua teologia questiona o significado de Jesus para a fé e a realidade, apresentando-o como libertador para baixar da cruz os crucificados deste mundo,²⁴⁵ as vítimas da história. Daí o motivo dele visualizar o povo de Deus, pobre e crente, como uma carta de Deus hoje à América Latina sobre sua vontade e realidade. Uma carta que continuamente, sob o impulso do Espírito de Deus deve ser lida, para saber de Deus.²⁴⁶

Jon Sobrino enfatiza a realidade e a fé dos pobres da América Latina afirmando que sem estas duas colunas, “não teria sido possível o acontecimento doutrinal de Medellín”. E sem o Magistério de Medellín, muito provavelmente não se teria articulado e proposto um novo ensinamento²⁴⁷. Por isso confirma que Episcopado e pobres crentes atuaram conjuntamente na elaboração do mesmo.²⁴⁸ Diante da renovada percepção que houve desde o Vaticano II, de que todos os

²⁴² Cf. SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?*, p. 24.

²⁴³ *Ibid.*, p. 25. À luz da Teologia de Sobrino, cujo eixo principal, nos últimos anos, tem sido o ‘martírio’, focalizar-se-á novamente aqui, a Comunidade Eclesial Nossa Senhora dos Mártires, localizada no Jardim Amapá, em Duque de Caxias na Baixada Fluminense. Após seus 21 anos de existência, esta comunidade carrega até hoje, ‘o peso da realidade’ com ‘coração e entranhas eclesial’ impregnada e grávida de esperança: “Entre cânticos e orações, o padre Constanzo Bruno fez pregações de cunho social durante a missa de páscoa na igreja da Comunidade Nossa Senhora dos Mártires. Ele citou a falta de saneamento básico na região, a luta por ações de prevenção na área da saúde e desrespeito aos direitos das crianças e dos adolescentes”. (...) “Devemos fazer com que todo sinal de morte se transforme num sinal de vida e de esperança. Muita gente já encontrou a força de redescobrir o sentido da vida depois de uma tragédia. A roseira foi o símbolo nos chamando para superar todas as dificuldades”. Cf. LESSA, Hévio. *Páscoa de Fé e de esperança*. Jornal O DIA. Rio de Janeiro, 9 abril. 2007. Geral p.3. Para consulta acerca deste assunto, conferir também: *Id.* *A fé que supera a tragédia*. Jornal O DIA. 8 abril. 2007, Geral pp. 10-11. *Id.* *Uma esperança contra o crime*. Jornal O DIA. 8 de abril de 2007, Geral p. 11. *Id.* *Atraída pela esperança*. Jornal O DIA. 11 abril. 2007, Geral p.7.

²⁴⁴ Cf. SOBRINO, Jon. *Ressurreição da verdadeira Igreja. Os pobres, lugar teológico da eclesiologia*. São Paulo, Edições Loyola, 1982, p. 35.

²⁴⁵ Tal postura permitiu Jon Sobrino interpretar o papel da teologia tanto como *intellectus fidei* bem como *intellectus liberationis*, *intellectus amoris*, *intellectus misericordiae*, *intellectus iustitiae*.

²⁴⁶ Cf. SOBRINO, Jon. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus*. In: *Concílio*/173, 1982/3 p. 66.

²⁴⁷ Cf. *Ibid.*, pp. 66-67.

²⁴⁸ Cf. *Ibid.*, p. 68.

membros da Igreja são chamados ao ministério em suas muitas formas,²⁴⁹ ele tem desenvolvido a ideia do ministério como um serviço profético na e à Igreja, e acentuado que o mesmo tem uma responsabilidade fundamental de responder aos pobres e às vítimas da violência e da injustiça no mundo.²⁵⁰ Ele diz que o Documento de Medellín²⁵¹ é o símbolo mais notável do Magistério latino-americano, que analisou à luz da revelação divina, da doutrina do Vaticano II, de João XXIII e de Paulo VI, a situação do Continente latino-americano e a resposta cristã da Igreja a essa situação.²⁵² O que confirma que a novidade e o núcleo central de Medellín dão dinamismo específico a todos os seus documentos: “É a apresentação e a análise do clamor das maiorias pobres que sobe até ao céu e do seu anseio de libertação de todas as escravidões como fruto do Espírito”.²⁵³

Sobrinho lembra que “a miséria que marginaliza grandes grupos humanos como fato coletivo, é uma injustiça que clama ao céu” (Medellín, Justiça.n. 1, 1968), e “a situação de humana pobreza em que vivem milhões de latino-americanos” (Puebla, n. 29, 1979), é o que caracteriza a América Latina²⁵⁴. E ao afirmar que em nosso mundo existem povos crucificados, insiste que eles trazem

²⁴⁹ Para um melhor aprofundamento e atualização do tema *Ministérios na Igreja*, conferir *Concilium*/334, 2010/1.

²⁵⁰ Cf. SOBRINO, Jon. *O fundamental de todo ministério. Serviço aos pobres e vítimas num mundo Norte-Sul*. In: *Concilium*/334, 2010/1, pp. 11-23. Neste artigo, Sobrinho concentra-se naquilo que em sua opinião, é fundamental no ministério em qualquer uma de suas formas, independentemente da maneira como são conferidos. Aqui, ele parte de dois pressupostos. 1. *Ministério* é serviço, e na Igreja a essência de qualquer serviço deve estar configurada segundo Jesus. 2. O serviço – ou antisserviço – é exercício num mundo que é, estrutural e antagonicamente, Norte-Sul, e isso ele também deve configurar.

²⁵¹ “Medellín é na verdade uma antecipação e um salto profético feito pelos representantes do episcopado latino-americano e seus assessores em direção a um compromisso social transformador”. Frase citada por Paulo Fernando que destaca o período entre 1966 e 1968 como um momento de grande mudança na sociedade e na Igreja latino-americana. Percebe-se uma preocupação acurada pelo povo pobre e nota-se um progressivo afastamento dos esquemas desenvolvimentistas com uma opção pelas teorias da dependência/opressão. Cf. ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Fé e Eficácia*, pp. 52-56.

²⁵² “O documento final de Medellín, intitulado A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio, compõe-se de dezesseis documentos que se dividem em três seções: Promoção Humana, Evangelização e Crescimento na Fé e A Igreja Invisível e suas Estruturas. Dos dezesseis documentos, três particularmente foram feitos dentro de uma ótica que pressupõe um entendimento da estrutura social a partir da Teoria da Dependência. Trata-se dos documentos ‘Justiça’, ‘Paz’ e ‘Educação’, todos pertencentes à seção ‘Promoção Humana’”. Cf. *Ibid.*, p. 55.

²⁵³ Sobrinho diz que além de discernir os sinais dos tempos, Medellín coloca em palavra doutrinal o que já antes é realidade histórica e teológica, valoriza seu destinatário, o Povo de Deus, e sente obrigação ética e necessidade teórica de remeter-se ao mesmo. Cf. SOBRINO, Jon. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus*, pp. 60-61.

²⁵⁴ *Id.* *Os povos crucificados, atual servo sofredor de Javé. À memória de Ignacio Ellacuría*. In: *Concilium*/232, 1990/6 p. 119.

salvação²⁵⁵ e “oferecem valores a todos que se dedicam em descê-los da cruz”.²⁵⁶ Por isso, a teologização fundamental na América Latina²⁵⁷ consiste em “considerar o povo crucificado como a atualização de Cristo crucificado”,²⁵⁸ verdadeiro servo de Javé, de modo que, povo crucificado e Cristo, servo de Javé, se remetem e se expliquem um ao outro. Sua hermenêutica, “consiste em buscar horizontes comuns de compreensão cultural entre presente e passado; e, além disso, horizontes comuns de realidade”.²⁵⁹

A seguir, apresentar-se-á Jesus Cristo como a autêntica revelação de Deus na realidade de todas as pessoas, especialmente, das vítimas da história.

3.2.

O Deus revelado em Jesus Cristo

Toda teologia deve dizer que Jesus é Deus, e aquilo que Deus é só o sabemos a partir de Jesus.²⁶⁰

Respondendo à questão acerca de como Sobrino desenvolve o Deus revelado em Jesus Cristo e como o anúncio do Reino de Deus ilumina a teologia e a prática pastoral na realidade das vítimas, nossa pesquisa ressalta que os temas fundamentais de sua teologia são a verdade sobre Jesus Cristo e o significado do

²⁵⁵ SOBRINO, Jon. *Os povos crucificados, atual servo sofredor de Javé*, p. 123.

²⁵⁶ As vítimas da história oferecem uma ‘esperança ativa que as protagoniza’ e ‘um grande amor que é oferta de humanização’. Oferecem ‘uma fé e uma forma de ser Igreja’ mais relevante para o mundo atual. Enfim, oferecem ‘luz e salvação’. Cf. *Ibid.*, pp. 125-126.

²⁵⁷ Insiste-se aqui na reflexão de Sobrino sobre o ministério num mundo Norte-Sul, porque é uma reflexão atual, presente na doutrina social. O “Sul crucificado” é o sinal dos tempos. “Tirá-lo da cruz” é o ministério fundamental na nossa igreja hoje. Porém, é importante levar em conta de que o ministério eclesial configurado a partir do “Sul” será mais parecido com o ministério de Jesus. Cf. *Id. O fundamental de todo ministério*, p. 12.

²⁵⁸ “Visto em sua globalidade, em torno a Medellín surgiu sim um *ministério convertido*, aliás, também o dos bispos”. (...) “A conversão consistiu em servir mais e melhor a pobres e Vítimas, e em enfrentar seus opressores e assassinos para defendê-los”. (...) “O ‘Sul’, ‘Medellín’, exigiu e facilitou essa conversão, e ela ocorreu. Seis bispos foram assassinados por fidelidade ao novo ministério”. Cf. *Ibid.*, p. 13.

²⁵⁹ A hermenêutica desta teologização é feita a partir do servo de Javé, e para captá-la, importa ler os cantos do servo de Javé, com o texto na mão e os olhos voltados para os povos crucificados. *Id. Os povos crucificados*, p. 120.

²⁶⁰ Cf. *Id. Jesus na América Latina*, p. 23.

Jesus histórico na cristologia latino-americana.²⁶¹ Neste item, apresentar-se-á a Jesus Cristo como o rosto humano de Deus nas vítimas e como o Deus crucificado que traz esperança às mesmas. Em seguida, vislumbrar-se-á o anúncio do Reino de Deus como dinamismo da prática pastoral na realidade das vítimas, onde descrever-se-á as três vias que caracterizam o mesmo no pensamento de Jon Sobrino.

3.2.1.

Jesus Cristo: O rosto humano de Deus nas vítimas

Jesus é a presença definitiva de Deus na história.²⁶²

De acordo com Jon Sobrino, nas vítimas da história “aparece o rosto de Deus, a divindade escarnecida”. Nelas, Deus se faz presente, “silencioso e escondido, mas enfim Deus”.²⁶³ A revelação comunica a verdade e faz Deus presente: “Jesus é a presença definitiva de Deus na história”.²⁶⁴ Jesus é a máxima expressão histórica da realidade de Deus, e em sua própria vida aparece a estrutura de todo discernimento.²⁶⁵

À luz do evangelho de Marcos, Jesus é o Cristo. E o Cristo é o Messias, o Filho de Deus, e não é outro, senão Jesus. Sobrino recolhe os dados fundamentais do Novo Testamento e do Magistério da Igreja, bem como, a realidade da fé em Cristo dos cristãos na América Latina, a reflexão teológica sobre ela e as declarações sobre Jesus Cristo do Magistério latino-americano para aprofundar a

²⁶¹ Segundo Sobrino, a pergunta que Jesus dirigiu a seus discípulos: “E vós, quem dizeis que eu sou?” (Mc 8,29), sempre esteve presente na história da Igreja. E porque é feita por Jesus, aquele a quem confessamos como o Cristo, o Senhor morto e ressuscitado, que persiste com sua presença contínua e questionadora, continuará ressoando ao longo da história. Cf. SOBRINO, Jon. *Jesus na América Latina*, p. 15.

²⁶² Id. *A fé em Jesus Cristo*, p. 304.

²⁶³ “Muitas vezes, acontece que nós, seres humanos, podemos ver que algo de Deus neles não é programável, mas acontece. Alguns só parecem exprimir o não ter figura humana, o não entesourar sua condição divina, que lhes vem com a criação”. Cf. Ibid., p. 290.

²⁶⁴ Ibid., p. 304.

²⁶⁵ Ibid., p. 305.

compreensão deste dado fundamental da fé cristã.²⁶⁶ Ele destaca alguns pontos importantes de Medellín: 1. O mistério de Cristo é apresentado a partir de seu aspecto salvífico e introduzindo na soteriologia a salvação também histórica, cujo tema fundamental é retomado como modo de realizar o desígnio salvífico do Pai.²⁶⁷ Cristo é representado como verdadeiro homem.²⁶⁸ 2. A realidade transcendente de Cristo é afirmada a partir de sua relação transcendente com Deus.²⁶⁹

De acordo com Sobrino, Medellín desenvolve o tema do acesso real a Cristo. E além de apresentar sua presença na liturgia e na Comunidade dos fiéis que dão testemunho, acrescenta outros dois lugares de acesso que são a presença de Cristo na história²⁷⁰ e nos pobres.²⁷¹ Citando Puebla e a cristologia do Jesus histórico,²⁷² diz que toda cristologia deve dizer que Jesus é o Cristo, mas o que a

²⁶⁶ Sobrino cita algumas cristologias sistemáticas que reelaboraram a pergunta do próprio Jesus, nas quais teve acesso e acrescenta que a Igreja conta com o Novo Testamento, a Tradição e as afirmações dogmáticas conciliares, bem como, com uma nova situação histórico-cultural e uma manifestação do Espírito nos sinais dos tempos. Diz também que na América Latina, Medellín supôs uma mudança, recolhendo o que já estava no ambiente cristão e fazendo algumas afirmações que orientaram para uma nova compreensão pastoral e teológica sobre Cristo. Suas várias afirmações repercutiram a compreensão de Cristo e a posterior elaboração de cristologias na América Latina. Cf. SOBRINO, Jon. *Jesus na América Latina*, p. 16.

²⁶⁷ “É o mesmo Deus quem, na plenitude dos tempos, envia seu Filho para que, feito carne, venha libertar todos os homens de todas as escravidões a que os têm sujeitos o pecado, a ignorância, a fome, a miséria e a opressão, numa palavra, a injustiça e o ódio que têm sua origem no egoísmo humano” (Justiça, n. 3). Cf. *Ibid.*, p. 18.

²⁶⁸ “Cristo nosso Salvador não só amou os pobres, mas “sendo rico fez-se pobre”, viveu na pobreza, centralizou sua missão no anúncio aos pobres de sua libertação e fundou sua Igreja como sinal dessa pobreza entre os homens” (Pobreza na Igreja, n. 7). Cf. *Ibid.*, p. 18.

²⁶⁹ Em Cristo “manifesta-se o mistério do homem” (Introdução n. 1); que Cristo é “a meta que o desígnio de Deus estabelece ao desenvolvimento do homem” (Educação, n. 9); que “todo crescimento em humanidade nos faz reproduzir melhor a imagem do Filho”. *Ibid.*, p. 18.

²⁷⁰ “Cristo, ativamente presente em nossa história, antecipa seu gesto escatológico não só no desejo impaciente do homem por sua redenção total, mas também naquelas conquistas que, como sinais prognosticadores, o homem vai conseguindo através de uma atividade no amor” (Introdução, n. 5). *Ibid.*, p. 19.

²⁷¹ Sobrino diz que aqui, o tema é tratado com vigor: “onde se peca contra o pobre, marginalizando-o e oprimindo-o, ‘há uma rejeição do dom da paz do Senhor; mas ainda, uma rejeição do próprio Senhor” (Paz, n. 14). A fundamentação bíblica aduzida é a clássica passagem de Mt 25,31-46, na qual se diz onde, em última instância, se pode realmente encontrar a Cristo”. *Ibid.*, p. 19.

²⁷² Sobrino diz que Puebla dedicou expressamente um capítulo a Cristo, afirmando que existe a cristologia descendente, que apresenta Cristo a partir da encarnação do Filho (cf. n. 188s.), e também a cristologia do Jesus histórico, do qual se mencionam seu anúncio do Reino, suas palavras e atos, a convocação para o seu seguimento, a proclamação das bem-aventuranças e sermão da montanha como a nova lei do Reino, sua própria interioridade que inclui a disponibilidade à rejeição dos homens e à sua tentação, sua entrega à morte como Servo de Javé e sua ressurreição (cf. n. 190-195). Além de outros documentos que sublinham os traços do Jesus histórico, sobretudo sua pobreza (cf. n. 1141), sua exemplaridade de bom pastor para exercer o ministério (cf. n. 682s.), seu caráter libertador (cf. n. 1183, 1194). Cf. *Ibid.*, p. 20.

Cristologia da Libertação sublinha é que o Cristo não é outro senão Jesus.²⁷³ Ele evidencia que a novidade teologal que surge com Jesus é a realidade trinitária de Deus, bem como, que este “novo” Deus oferece uma escandalosa subversão da realidade: o divino se faz real no humano e no humano abaixado (cf. Fl 2,6-8; Hb 5,7s).²⁷⁴

Toda a vida de Jesus revela Deus.²⁷⁵ A *kénosis* expressa que Jesus assume a “condição humana” naquilo que esta tem de frágil e oneroso. O servo, todavia, exprime a condição de “vítima”.²⁷⁶ Na *kénosis* Jesus se despoja, enquanto o servo é despojado.²⁷⁷ Para reconhecer Jesus,²⁷⁸ é preciso estar em sintonia com Deus, amar como Deus e ainda estar disposto a dar a vida por esse amor. Pois o Deus de Jesus, é um Deus que continua trabalhando, cuida amorosamente de suas criaturas, sobretudo das necessitadas.²⁷⁹ Jesus está com Deus e nele Deus aparece à maneira humana, como bom e como mistério, como presença e como ocultamento.²⁸⁰ “A aproximação de Deus em Jesus é parcial em favor do fraco deste mundo, os pobres, os desprezados, os marginalizados de diversas formas, os vistos como pecadores, em favor de daqueles para quem viver é uma pesada carga”.²⁸¹

Ora, a aproximação histórica da aproximação *de Deus* continua sendo necessária. Ele se autodeterminou a continuar aproximando-se, e por isso continua necessitando de expressões históricas dessa aproximação: “É possível porque é possível ao longo da história que os seres humanos prossigam a Jesus e refaçam a

²⁷³ Cf. SOBRINO, Jon. *Jesus na América Latina*, p. 23.

²⁷⁴ Id. *A fé em Jesus Cristo*, p. 182.

²⁷⁵ “Noutras palavras, não só é mistério, como costuma pressupor-se, que Cristo esteja em Deus *desde sempre*, mas é igualmente mistério que Cristo esteja em Deus – ou que Deus esteja com Jesus – *sempre*, também durante sua vida e na cruz”. Ibid., p. 183.

²⁷⁶ “Vítima” é um conceito histórico-dialético que responde à realidade de ser ativamente aniquilado por outros. Por isso, o servo não só participa na condição humana do sofrimento, mas carrega os nossos pecados (pecados históricos, na interpretação latino-americana), que o destroçam e o deixam sem figura humana (não já sem figura divina). Ibid., p. 277.

²⁷⁷ “Se aproximação é já uma realidade salvífica, o abaixamento o é mais para as vítimas”. Idem.

²⁷⁸ “O Filho que faz Deus presente é abaixado e o que fica à mercê dos seres humanos. É vítima ele mesmo porque vem a um mundo real, de antirreino”. Cf. Idem.

²⁷⁹ Cf. Ibid., p. 281.

²⁸⁰ Cf. Ibid., p. 282.

²⁸¹ “O próprio Deus, para aproximar-se salvificamente dos seres humanos, proporcionou para si uma expressão histórica dessa aproximação (que é Jesus e que, em princípio e analogamente, poderão sê-lo todos os seres humanos), e teve que proporcioná-la para poder aceder aos seres humanos em sua história e historicidade”. Cf. Ibid., pp. 199-200.

vida de Jesus”.²⁸² E o caminho principal a percorrer no prosseguimento, é “assumir a crucificação pelo Reino de Deus”, carregar o peso do “antirreino” e tomar a cruz de cada dia em comunhão com Jesus e os crucificados da terra,²⁸³ com o olhar fixo no rosto de Deus que traz esperança às vítimas da história.

3.2.2.

Jesus Cristo, o Deus Crucificado-Ressuscitado que traz esperança às vítimas.

Deus em Jesus continua sendo Deus, e por isso nem sequer a história de Jesus o priva de seu caráter de mistério, com o que tem de bem-aventurado e com o que tem de imanipulável.²⁸⁴

À luz de sua experiência em El Salvador, Sobrino afirma que as vítimas atualmente, creem e esperam em um Deus poderoso e salvador.²⁸⁵ Esse Deus que creem Libertador por ser o Deus da Vida, misteriosamente, escondidamente, pode também trazer esperança quando ele mesmo aparece sujeito ao sofrimento, quando se mostra como um Deus crucificado.²⁸⁶ De acordo com ele, a *CRUZ*, em si mesma, diz já proximidade a sua própria realidade. E as vítimas, além de pobres e oprimidas, são as distanciadas e marginalizadas. Tudo o que seja proximidade já traz consigo algo de salvação.²⁸⁷

Pela específica relação que nele se dá entre o divino e o humano, ‘Cristo é expressão irrepitível e suprema da realidade’.²⁸⁸ Em Jesus o humano continua sendo humano, tanto com as limitações, bem como, com as possibilidades

²⁸² Cf. SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 201.

²⁸³ Cf. PAGOLA, José Antônio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 570.

²⁸⁴ SOBRINO, Jon. *Op.cit.*, p. 442.

²⁸⁵ Cf. *Ibid.*, p. 402.

²⁸⁶ Sobrino diz que as vítimas não usam formulações como a de um “Deus crucificado”, mas alegram-se em um Deus que, se sofre, está perto delas. Compreendem bem que, se a cruz exprime proximidade, então “algo de bom” há também na cruz. Cf. *Ibid.*, p. 404.

²⁸⁷ Cf. *Ibid.*, pp. 404-405.

²⁸⁸ *Ibid.*, p. 442.

próprias, através das quais humaniza e salva.²⁸⁹ “Na humanização de Deus, tal como se deu, o humano é o fraco e pequeno, é a *sarx*”.²⁹⁰ Aquilo que é ‘último’ em Cristo é divino.²⁹¹ Bem como que a realidade total chamada Cristo é ‘iniciativa’ de Deus.²⁹²

Sobrino confirma que a cruz como história, expressa um modo de ser e de viver, e uma forma de relacionar-se com os seres humanos: o amor.²⁹³ Jesus salva enquanto nos mostra que há um amor proveniente, iniciativa irrevogável de Deus, enquanto mostra o caminho de uma vida para responder e corresponder a esse amor, e enquanto oferece a força para percorrê-lo. Este modelo salvífico de exemplaridade também inclui _ e muito essencialmente _ a ‘cruz’.²⁹⁴ Vale dizer, como história, cruz e ressurreição revelam um Deus que é Amor.²⁹⁵ Este amor de Deus é inaudito. “Em Jesus ‘crucificado-ressuscitado’, Deus *está* conosco, só pensa *em* nós, sofre *como* nós, morre *para* nós”.²⁹⁶

Sobrino comprova também que a ressurreição de Jesus é uma resposta cristã a uma eterna pergunta humana: a pergunta pela justiça às vítimas, a pergunta pelo sentido ou pelo absurdo. Para captá-la é necessário ter esperança, é necessário ter consciência de missão²⁹⁷. E deve ser “vivida” no seguimento fiel do

²⁸⁹ “Deus, para sempre, aproximou-se do humano e ficou também à mercê do humano que para sempre é o assumível e assumido por Deus, por mais fraco e pequeno que seja”. Ibid., pp. 442-443.

²⁹⁰ “Não haverá outro caminho senão o humano para ir a Deus, e também que todo o verdadeiramente humano não deixará de ser caminho para Deus”. SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 443.

²⁹¹ Sobrino lembra a afirmação de Calcedônia, a qual diz que o humano de Jesus Cristo subsiste no Filho e tem sua existência no fato da doação de Deus ao homem. Cf. Ibid., p. 444.

²⁹² Cf. Ibid., p. 445.

²⁹³ “A cruz como história é a história da cruz, e esta é bem conhecida: Jesus defende os fracos contra seus opressores, entra em conflito com eles, mantém-se fiel nisso e é eliminado porque estorva. A cruz acontece, assim, por defender os fracos, e é por isso expressão de amor. Pode-se então dizer que na cruz há salvação, que a cruz é *eu-aggelion*, boa notícia. O amor salva e, em última instância, o amor – com suas diversas expressões – é a única coisa que salva”. Ibid., pp. 451-452.

²⁹⁴ Ibid., p. 453.

²⁹⁵ Cf. Idem.

²⁹⁶ PAGOLA, José Antônio. *Jesus*, p. 517.

²⁹⁷ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, pp. 126. Aqui, Sobrino cita J. Moltmann que diz que a ressurreição “funda história, abre um futuro escatológico”.

Crucificado.²⁹⁸ “A ressurreição de Jesus revela quem é Deus, quem é Jesus e o que somos nós, os seres humanos”.²⁹⁹ É, portanto, uma ação de Deus revelada.³⁰⁰

Sobrino apresenta a revelação de Deus no Antigo Testamento e no Novo Testamento. No primeiro,³⁰¹ Deus se revela através de uma ação histórica, que é libertadora das vítimas.³⁰² No segundo, também a revelação acontece através de uma ação, e começa com uma ação fundante e definitiva enquanto não acontecer os fins dos tempos: a ressurreição de Jesus que se torna o núcleo central do novo credo.³⁰³

Segundo Sobrino, a ressurreição de Jesus é uma ação libertadora, porque o Ressuscitado é uma Vítima, e a razão para ressuscitar essa vítima é a de lhe fazer justiça, livrá-la da opressão da morte violenta e injusta.³⁰⁴ Tal ação libertadora de Deus é uma re-ação: “Deus reage à aflição, aos clamores, aos sofrimentos, à opressão de um povo, com tudo aquilo com que Ele está relacionado de maneira transcendental”.³⁰⁵ A ‘ressurreição de Jesus’ é um acontecimento escatológico, a irrupção do último na história.³⁰⁶ Mas, para que ela mantenha sua identidade e relevância, é necessário adotar uma nova perspectiva que, resgatando a novidade da teologia pós-conciliar, vá além dela.³⁰⁷ O que pressupõe que o Ressuscitado se pode fazer vitoriosamente presente no seguimento do Crucificado, de modo que o

²⁹⁸ Sobrino afirma que quem tem uma radical esperança para as Vítimas deste mundo, quem não se convence à resignação como última palavra nem se consola com a afirmação de que essas Vítimas já serviram para algo positivo, este poderá incluir em sua experiência uma esperança análoga àquela com que se apreendeu a ressurreição de Jesus e poderá orientar sua vida para descer as vítimas da cruz. Cf. SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 126.

²⁹⁹ *Ibid.*, p. 127.

³⁰⁰ Cf. *Ibid.*, p. 128.

³⁰¹ No Antigo Testamento as ações históricas vão se deslocando em direção ao *futuro*. “Deus se vai revelando de maneira cada vez mais universal, estendendo seu senhorio no tempo (a partir da criação até a plenificação final) e no espaço (a todas as nações), mas permanece como constante a parcialidade da ação fundante libertadora”. Cf. *Ibid.*, p. 129.

³⁰² A ação de Deus inicia-se o credo de Israel: “Eu sou Javé teu Deus, que te tirei do Egito da casa da servidão’ (Dt 5,6; cf. Ex 20,2; Dt 26, 5-9). Cf. *Ibid.*, p. 128.

³⁰³ Cf. *Ibid.*, p. 129.

³⁰⁴ Cf. *Ibid.*, p. 130.

³⁰⁵ *Ibid.*, p. 132.

³⁰⁶ Cf. *Ibid.*, p. 23.

³⁰⁷ “Esta nova perspectiva deve incluir duas coisas: a primeira, que a ressurreição de Jesus seja, de alguma maneira, uma realidade que afete eficazmente a história no seu presente, o que supõe a possibilidade de se viver já como ressuscitados na história e a possibilidade de se refazer a experiência de ultimidade implícita nas aparições, com todas as analogias do caso. A outra, e mais fundamental no Terceiro Mundo, é compreender a ressurreição de Jesus em sua relação essencial com as vítimas, de modo que a esperança por ela desencadeada seja, antes de tudo, esperança para as vítimas”. *Ibid.*, pp. 24-25.

seguimento pode estar penetrado já agora daquilo que na ressurreição de Jesus há de triunfo.³⁰⁸

De acordo com Sobrino, no querigma primitivo, a ressurreição é anunciada junto com a cruz de Jesus (cf. 1 Cor 15,3s) tanto no sentido de justaposição lógico-cronológica, como num sentido mutuamente explicativo; “aquele que matastes Deus o ressuscitou” (At 2,23s). E esta relação se mantém no Novo Testamento na identificação do Ressuscitado com o Crucificado (cf. Jo 20,25-28).³⁰⁹ Portanto, manter a relação transcendental entre cruz e ressurreição é decisivo para a compreensão do mistério pascal e aquilo que tem de revelação e de salvação. A cruz é o lugar teológico privilegiado para se compreender a ressurreição, e outros lugares o serão na medida em que analogamente reproduzirem a realidade da cruz.³¹⁰ Tais questionamentos surgem do mundo das cruzes. Trata-se do problema humano da esperança das vítimas.³¹¹

Sobrino insiste na importância de poder viver como ressuscitados - na caducidade da história - no seguimento de Jesus, e ter a esperança das vítimas de que Deus triunfará sobre a injustiça.³¹² Analisando a ressurreição de Jesus no Novo Testamento, ele a percebe como ação de Deus em que o escatológico irrompe na história e onde começa a manifestar-se a verdadeira realidade de Jesus.

³⁰⁸ Ou seja, um reflexo histórico da sua ressurreição com dois elementos essenciais: “aquilo que na ressurreição há de plenitude, mesmo no meio das limitações da história, e aquilo que na ressurreição há de vitória contra o escravizador da história”. Cf. SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 26-27.

³⁰⁹ “A ressurreição (realidade histórico-escatológica) significa relação essencial com a morte (realidade histórica). E como o Novo Testamento não fala só de morte, mas de cruz de Jesus, os crucificados da história serão o lugar mais apropriado para compreender a ressurreição de Jesus”. Cf. *Ibid.*, p. 28.

³¹⁰ Sobrino compara El Salvador à Galiléia. El Salvador é a realidade concreta que suscita as perguntas importantes em torno da ressurreição. Tais como: “que possibilidades há hoje de se compreender e refazer a experiência dos primeiros cristãos, embora de forma análoga; que possibilidade existe de viver já como ressuscitados na história e o quê da dimensão de triunfo, tal como aparece na ressurreição de Jesus, pode fazer-se realidade na história; que esperança – e com que realismo _ tem um povo crucificado de ser também um povo ressuscitado; que há de verdade na fé que Deus é um Deus da vida, que fez justiça a uma vítima inocente ressuscitando-a da morte e que no final Deus será tudo em todos...” Cf. *Ibid.*, p. 29.

³¹¹ *Idem.*

³¹² *Ibid.*, p. 30.

Conseqüentemente, a ressurreição de Jesus deve ser descrita como acontecimento que se percebe na história e que afeta - decisivamente - a história.³¹³

Principalmente na América Latina, onde a tradição de Jesus Cristo ressuscitado facilitou, ao menos em parte, que se gere esperança no compromisso, que se formulem utopias, que se afirme que a última palavra quem a dirá será a vida, a justiça, a verdade, o amor...³¹⁴ Quando Sobrino fala da ressurreição de Jesus, frisa fundamentalmente a ação de Deus:

A ressurreição declara que Deus confirmou a verdade da vida de Jesus, deu-lhe definitividade para sempre e o exaltou. Jesus é vítima inocente - é o Crucificado - sua ressurreição exprime não só o poder sobre a morte, mas, diretamente, o poder de Deus sobre a injustiça que produz vítimas.³¹⁵

A ressurreição refere-se a Jesus, mas diretamente revela e manifesta a realidade de Deus.³¹⁶ Sobrino reflete a ressurreição à luz de um círculo hermenêutico trinitário. Ele diz que com a ressurreição de Jesus, o Novo Testamento anuncia uma novidade plurivalente em três dimensões:³¹⁷ a novidade do próprio Deus;³¹⁸ a novidade de Jesus;³¹⁹ a novidade dos seres humanos. E afirma que conhecer a novidade em Jesus aparece respectivamente com a novidade do ser humano possibilitada pelo novo Deus.³²⁰ Em linguagem trinitária, o Pai ressuscita Jesus e derrama o seu Espírito sobre nós.³²¹

³¹³ Sobrino diz que compreender os textos neotestamentários que atualmente são necessários, necessita-se determinar os pressupostos, levando em conta que os mesmos sejam exigidos pelos próprios textos que falam da ressurreição de Jesus; que de alguma forma apareça neles a dimensão cristológica e que possam ser realizados hoje pelo leitor. Cf. SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, pp. 31-32.

³¹⁴ *Ibid.*, p. 32.

³¹⁵ *Ibid.*, p. 34.

³¹⁶ “A linguagem da ressurreição nos remete por sua natureza à vida histórica de Jesus e à sua cruz como ponto de referência do que, ao mesmo tempo, se mantém e se supera com a ressurreição: ‘o Ressuscitado não é outro senão o Crucificado’; a linguagem da exaltação tem a vantagem de recordar algo específico do Deus bíblico: subverter a realidade, abaixar o poderoso, exaltar o oprimido e a vítima. ‘Humilhou-se a si mesmo e se fez obediente até a morte e morte de cruz, e por isso Deus o exaltou’ (Fl 2, 8; cf. At 2,22-36; como atitude mais universal, cf. Lc 1,52: o magnificat; 6,20-26: as bem-aventuranças e mal-aventuranças); a linguagem da vida tem a vantagem de exprimir que a morte e a negatividade não têm a última palavra sobre a história, e sim que esta pertence à positividade e à vida, sobretudo quando se diz de Jesus não só que está vivo, mas que ‘vive para sempre’” (Hb 7,24s). *Ibid.*, p. 37.

³¹⁷ *Ibid.*, p. 39.

³¹⁸ O Deus que ressuscita Jesus; e a partir dela, se poderá ir compreendendo-a trinitariamente.

³¹⁹ Do que aconteceu a ele se passará a refletir sobre a sua própria realidade, e daí se chegará à proclamação de sua indissolúvel união com Deus.

³²⁰ *Ibid.*, p. 38.

³²¹ “Este é o acontecimento total a partir de dentro dele poderemos compreender a ação de Deus que ressuscita Jesus. Pois o Espírito está em nós, dando-no-lo a conhecer”. *Ibid.*, p. 39.

Antes de analisar que tipo de hermenêutica as vítimas exigem e possibilitam, Sobrino recorda as posições de alguns autores clássicos europeus³²² e as de teólogos latino-americanos.³²³ Assim sendo, oferece sua visão do problema hermenêutico, apresentando as perguntas que todo ser humano explícita ou implicitamente faz no que diz respeito à ressurreição de Jesus: que saber, que práxis, que esperança. A estas, ele acrescenta uma quarta: o que podemos celebrar na história.³²⁴ Daí a importância do Reinado de Deus³²⁵ e seu dinamismo na realidade das vítimas deste mundo.

3.2.3.

O anúncio do Reino de Deus: dinamismo da prática pastoral na realidade das vítimas

O Reino de Deus se realiza dinamicamente como o mínimo que se torna o máximo para os pobres: a vida.³²⁶

A pessoa, práxis e destino de Jesus permanecem, implicitamente, como referentes da experiência.³²⁷ Neste mundo de pobres e vítimas, é preciso retomar o

³²² Ele diz que os teólogos *clássicos* ensinam duas coisas: a necessidade de abordar o tema e a ajuda que oferecem para isso - por aceitação, negação e superação. A outra é que os pressupostos hermenêuticos que elaboram são realidades antropológicas (seriedade diante da existência, práxis, esperança...), com as quais captar a ressurreição é já uma forma de viver. Cf. SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 39.

³²³ Sobrino analisa quatro dos clássicos europeus: Bultmann, Marxsen, Pannenberg e Rahner e o teólogo latino-americano Leonardo Boff. Ele conclui que os autores europeus, os quais integram a geração dos mestres da suspeita, ao descobrirem a necessidade da hermenêutica, puseram a teologia em um novo paradigma. Ele diz que a teologia da libertação muito aprendeu com as teologias européias a necessidade da hermenêutica e incorporou alguns dos seus pressupostos, mas também os modificou, radicalizou e ampliou. Por isso, apresenta o enfoque de Leonardo Boff. Sobrino aprofunda na perspectiva das vítimas, o que fica esboçado em L. Boff: esperança de justiça para o fraco e uma vida para a justiça, como princípios hermenêuticos, mais a indubitável dimensão popular-coletiva da esperança. Cf. *Ibid.*, pp. 39-58.

³²⁴ Sobrino diz que estas questões são necessárias para se entender do que se está falando quando se ouve que Jesus ressuscitou dos mortos. Cf. *Ibid.*, pp. 60-61.

³²⁵ Sobrino prefere o termo *Reinado de Deus*, porque expressa a ação de Deus na realidade. A respeito deste tema, conferir os capítulos V (Reinado de Deus – Realidade a ser inteligida pela TdL) e VI (A TdL como inteligência do Reinado de Deus) da tese de doutorado Francisco de Aquino Paulino. Cf. PAULINO, Francisco de Aquino. *A teologia como inteligência do reinado de Deus*, pp. 136-235.

³²⁶ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p.133.

³²⁷ Cf. *Id.* *A fé em Jesus Cristo*, p. 118.

contato vivo com o Crucificado-Ressuscitado e seu compromisso com a causa do Reino de Deus. E com Ele, aprender a buscar um Deus que tem entranhas de compaixão e misericórdia. O Reino de Deus é o centro referencial da vida de Jesus e assim deverá ser para todos à luz do seguimento. Isto implica: “pôr no centro de nosso olhar e de nosso coração os *pobres*. Situar-nos na perspectiva dos que sofrem. Fazer nossos seus sofrimentos e aspirações. Assumir sua defesa”.³²⁸

Sobrinho fala da importância de voltar ao Reino³²⁹ e diz que durante séculos, nem a cristologia nem os conflitos levaram em conta o Reino de Deus pregado por Jesus.³³⁰ Com “o olhar fixo em Jesus de Nazaré”,³³¹ levando em conta a história real do nosso mundo,³³² ressalta que para a fé e para uma existência humana decente, é essencial mantê-lo vivo.³³³ Ele lembra que é preciso manter a centralidade do Reino diante da tentação de espiritualizar e privatizar a fé; esquecer e encobrir e, sobretudo, criar pobres e vítimas, produtos do antirreino.³³⁴ E diz que o tema do Reino não deve deixar-nos em paz, porque à luz da cruel realidade de nosso mundo que retrata uma sociedade “gravemente enferma”, estão em jogo a honra de Deus e a decência de nosso ser e agir. Portanto, somos impulsionados a fazer crescer o Reino, para que, ao vê-lo, “seu nome seja glorificado”.³³⁵

A ação de Deus transforma uma realidade histórico-social injusta em outra justa, na qual reina a solidariedade e na qual já não há pobres (cf. Dt 15,4). Sobrinho cita alguns elementos essenciais: a compaixão primordial - libertação da

³²⁸ PAGOLA, José Antônio. *Jesus*, p. 570. Segundo Faustino Teixeira, a reflexão apresentada por Pagola recorda as clássicas passagens de Jesus Cristo libertador, de Leonardo Boff ou de Jesus na América Latina, de Jon Sobrinho. É uma obra que “traz novamente à baila reflexões que marcaram decisivamente a formação de inúmeros teólogos e teólogas latino-americanos e nos provoca a todos para um exercício teológico mais ousado e corajoso nesse tempo de encurtamento eclesial”. Cf. TEIXEIRA, Faustino. *O Jesus de Pagola*. In: IHU ON-LINE. Revista do Instituto Humanitas Unisinos/336, Ano X, (06.07.2010), p. 9.

³²⁹ Sobrinho diz que para Jesus a realidade última foi uma unidade dual: ‘o Reino de Deus’, de modo que Reino explica *in actu* que Deus é *Abba*, bom para os pobres; e Deus dá fundamento e razão de ser ao Reino. Ele lembra que a Teologia da Libertação colocou o “Reino de Deus” no centro, insistindo em seus destinatários primários: os pobres. Cf. SOBRINO, Jon. *O fundamental de todo ministério*, pp. 14-15.

³³⁰ Cf. Id.. *O Reino de Deus e Jesus*, pp. 67-78.

³³¹ Cf. Id. *O fundamental de todo ministério*, p. 15.

³³² Isso requer uma fé e uma espiritualidade mais jesuânicas; uma igreja mais parecida com Jesus e, entre nós e em todo o Terceiro mundo, uma plêiade de “profetas da verdade”, desmascaradores dos ídolos, e de “mártires da compaixão e da justiça”. Cf. Id. *O Reino de Deus e Jesus*, p. 67.

³³³ Cf. Idem.

³³⁴ Ibid., p. 68.

³³⁵ Idem.

escravidão e da morte - a passagem de um Deus libertador; a parcialidade - Reinado a favor de pobres e de vítimas;³³⁶ Reino de Deus e Povo de Deus;³³⁷ Mediadores da passagem de Deus pela história;³³⁸ a *eu-topia* da mesa compartilhada.³³⁹ Ele diz que na história, onde a vida de uns, maioria, é ameaçada e aniquilada por minorias, o Reinado de Deus será benéfico, mas formal e centralmente libertador: “Deus passa pelo mundo para libertar da opressão e morte um povo para que tenha vida. Este Deus é um Deus compassivo e descentrado de si mesmo”³⁴⁰. Diante dessa realidade, Deus faz – primordialmente - a opção pelos pobres e vítimas.³⁴¹

Falar de Jesus e do Reino urge recordar as palavras de Pedro: “Jesus passou fazendo o bem a todos os oprimidos pelo diabo, porque Deus estava com eles” (At 10,38). Ele orava pela vinda do Reino, e, portanto concretizou a paternidade de Deus.³⁴² Sobrino lembra que Jesus declarou que os seres humanos devem buscar em primeiro lugar o Reino de Deus e sua justiça (cf. Mt 6,33). Jesus de Nazaré acreditou num Deus que reina em favor dos pobres, a serviço do qual deve estar o próprio povo. Foi essa a sua esperança e sua utopia, e por essa causa ele trabalhou.³⁴³ Analisando o ser e o fazer de Jesus a serviço do Reino de Deus, diz que Ele foi anunciador e realizador definitivo do Reinado de Deus. Mas, seu fazer, seus milagres são ‘sinais’ do Reino, não a totalidade do Reino.³⁴⁴

Sobrino propõe três vias de averiguação para a compreensão da categoria Reino de Deus no Evangelho:³⁴⁵ a) Via nocional, que consiste em averiguar a noção de Reino que Jesus teve, cotejando-a com as noções prévias em Israel. b) Via do destinatário, que demonstra que, ao anunciar explicitamente a mensagem, Jesus relaciona o Reino e seus destinatários, os pobres. c) Via da prática, que percebe que palavras e atos de Jesus pressupõem sua atividade a serviço do

³³⁶ Cf. SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p. 69.

³³⁷ Cf. *Ibid.*, p. 71.

³³⁸ Cf. *Ibid.*, p. 72.

³³⁹ *Idem.*

³⁴⁰ SOBRINO, Jon. *O Reino de Deus e Jesus*, p. 69.

³⁴¹ *Ibid.*, p. 70.

³⁴² *Ibid.*, p. 73.

³⁴³ *Ibid.*, p. 74.

³⁴⁴ Jesus aparece relacionado com o Reino, mas essa relação não é identificação total. Reinado de Deus e Jesus de Nazaré, cada um por sua vez, são centrais no Novo Testamento, e estão em mútua relação, mas não são o mesmo. Cf. *Idem.*

³⁴⁵ *Id. Jesus, o Libertador*, pp. 108-159.

anúncio do Reino. Ele determina o destinatário para compreender a mensagem de Jesus e do Reino e saber de que boa-nova se trata.

A seguir, serão descritas as três vias que caracterizam o Reino de Deus com mais proeminência.

3.2.3.1.

Via nocional: a esperada utopia no meio da miséria humana

Esta via é compreendida sob o prisma das noções do Reino de Deus no AT, ou seja, a expectativa do Reino no tempo de Jesus e as noções de Jesus sobre o Reino de Deus.³⁴⁶ A expressão Reino de Deus significa: O agir de Deus, para transformar a realidade histórico-social má e injusta em realidade boa e justa.³⁴⁷

Sobrino prefere o termo *Reinado de Deus*, porque expressa a ação de Deus na realidade.³⁴⁸ O Reinado de Deus é esperado por Israel em três etapas:³⁴⁹ Primeiro: O Reino, como realidade histórica, incide na vida do povo de Israel e corresponde à esperança e a fé histórica deste povo num Deus capaz de transformar a realidade má injusta, em boa e justa. Segundo: O Reino designa formalmente a utopia de Deus, a esperança popular de e para todo o povo e visa à transformação da sociedade, sem menosprezar as exigências individuais de conversão. Terceiro: O Reino, como realidade dialética e conflituosa, contradiz e exclui o antirreino. Surge como boa notícia diante da situação de opressão. Corresponde à esperança ativa e lutadora contra as expressões do antirreino.

³⁴⁶ O específico e original da religião de Israel consiste na historicização da noção de Deus-rei, segundo a fé fundamental de que Javé intervém na história. A realeza de Javé perpassa toda a Bíblia, configurando os períodos da história de Israel. Cf. SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, pp. 110-111.

³⁴⁷ Cf. *Ibid.*, p. 111.

³⁴⁸ *Idem.*

³⁴⁹ *Ibid.*, p. 112-113.

Constatando a história da teologia em geral, Sobrino evidencia a descontinuidade da história de Jesus, ao relegar em segundo plano o aspecto da continuidade histórica.³⁵⁰ A pessoa e a mensagem de João Batista exerceram grande influência no tempo de Jesus e também no próprio Jesus. Os Evangelhos narram que Jesus se deixou batizar por João Batista.³⁵¹ Jesus é solidário com a esperança da humanidade oprimida.³⁵² Ele revela a verdade de Deus e do ser humano na vida cotidiana. No seu amor sem limites até a cruz, identifica a totalidade da continuidade e da descontinuidade em relação aos seres humanos.³⁵³

Jesus anuncia a proximidade do Reino de Deus e declara: “Em verdade eu vos digo, dentre os que aqui estão, alguns não morrerão antes de ver o Reinado de Deus vindo com poder” (Mc 9,1) Nas parábolas, assegura a madureza da colheita (cf. Mt 9,37), a brancura dos campos (cf. Jo 4,35), o vinho novo (cf. Mc 2,22) e lembra que na presença do noivo não se jejua (cf. Mc 2,18-20; Mt 9,14-16; Lc 5,33-35). Mostra que o Reino irrompe quando se expulsa os demônios (cf. Mt 12,28; Lc 11,20). E, à pergunta dos fariseus sobre quando chegaria o Reino, Jesus responde: “o Reinado de Deus está entre vós” (Lc 17,21). Estes anúncios da proximidade do Reino revelam o despertar da aurora da salvação.³⁵⁴

O novo do Reino anunciado por Jesus se manifesta na graça de Deus, como uma surpreendente boa-notícia – *eu-aggélion*. Jesus traz a relevante notícia: Deus se aproxima dos homens e assim manifesta-se como o Deus de bondade.³⁵⁵ O termo *eu-aggélion* e a categoria Reino de Deus se correlacionam. Nos

³⁵⁰ Ou seja, Jesus, ao participar das esperanças do povo, situa-se na encruzilhada do tempo e na continuidade da história de Israel. Cf. *Ibid.*, pp. 112-113.

³⁵¹ Do ponto de vista histórico-religioso, Jesus se subordinou ao movimento profético-escatológico de João Batista. Cf. *Ibid.*, pp. 115-116.

³⁵² Ele conserva do Antigo Israel a tradição de esperança do povo oprimido e continua consciente desta realidade humana, mas introduz sua descontinuidade. Cf. *Ibid.*, p. 117.

³⁵³ A continuidade de Jesus com a tradição israelita revela sua participação na expectativa do Reino de Deus e do Deus do Reino. Jesus participa nas esperanças utópicas da humanidade e crê na possibilidade da justiça e na superação da miséria, pois pertence à corrente solidária com os sofrimentos dos oprimidos. Cf. SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p. 119.

³⁵⁴ Jesus espera o Reino de Deus e testemunha sua aproximação. O Reino se faz iminente não apenas como objeto de esperança, mas na certeza constatável. Jesus proclama a superação do antirreino e mantém viva essa esperança através de seus sinais. A vinda do Reino é repleta de gratuidade: Deus vem por amor puro e gratuito, não como resposta à ação dos homens. Essa gratuidade não se opõe à ação dos homens. Cf. *Ibid.*, pp. 119-120.

³⁵⁵ *Ibid.*, p. 121.

Evangelhos, boa-notícia ou boa-nova significa o próprio Jesus. Com prioridade lógica, boa-notícia consiste no que Jesus traz: o Reino de Deus.³⁵⁶

3.2.3.2.

Via do destinatário: Reino de Deus das vítimas

Os pobres, as vítimas, destinatários do Reino de Deus, compreendem o conteúdo do Reino como boa-notícia.³⁵⁷ Nos Evangelhos, o Reino é dos pobres de fato e de direito, pois se baseia na misericórdia de Deus, manifestada a eles desde o Antigo Testamento.³⁵⁸ E nos Sinóticos, os pobres caracterizam-se, descritivamente, por dois aspectos:³⁵⁹ econômico³⁶⁰ e social.³⁶¹

No Novo Testamento se faz presente a compreensão da pobreza como estado de opressão injusta.³⁶² A origem da parcialidade do Reino de Deus está no Antigo Testamento. Sobrino redescobre esta parcialidade sob o prisma do êxodo, acontecimento fundante desta etapa. Deus se mostra parcial para com o povo oprimido, a ele se revela e o liberta.³⁶³ E verifica que, se de forma apocalíptica

³⁵⁶ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p. 122.

³⁵⁷ Cf. *Ibid.*, p. 123.

³⁵⁸ *Ibid.*, p. 125.

³⁵⁹ *Ibid.*, pp. 125-126.

³⁶⁰ “Pobres são os que gemem sob algum tipo de necessidade básica: os famintos, os sedentos, os nus, os forasteiros, os enfermos, os prisioneiros, os que choram, os oprimidos pelo peso real (cf. Lc 6,20-21; Mt 25,35-36). São aqueles que vivem curvados (*anawim*) sob o peso de alguma carga ou opressão”. *Ibid.*, p. 125.

³⁶¹ “Pobres são os desprezados pela sociedade, os chamados pecadores, os coletores de impostos, as prostitutas (cf. Mc 2,16; Mt 11,19; 21,32; Lc 15,1-2), os simples, os pequenos, os menores – as crianças – (cf. Mt 10,42; 11,25; 18,10.14; 25,40.45; Mc 9,36-37), os que exercem profissões desprezadas (cf. Mt 21,31; Lc 18,11). A eles é negada a sociabilidade, as relações inter-humanas fundamentais, o mínimo de dignidade”. *Ibid.*, p. 126.

³⁶² Sobrino entende que o Reino de Deus pertence aos pobres, àqueles que não possuem o fundamental da vida. Para ele, Jesus anuncia aos pobres: salvaguardem a esperança, porque Deus não compactua com as promessas dos opressores; o fim das calamidades se aproxima; o Reino de Deus lhes pertence e está próximo. Cf. *Ibid.*, p. 128.

³⁶³ As reivindicações dos direitos dos pobres entram no culto, nas liturgias de Israel. Invoca-se um Deus que mostre a verdadeira justiça. Paralelamente, as súplicas dos pobres atingem outras dimensões que não procederiam exclusivamente da pobreza material, mas de enfermidades, perseguições, murmurações, adversidades. Cf. *Ibid.*, p. 129.

Jesus acentua o caráter escatológico e a vinda iminente do Reino de Deus, profeticamente sublinha a parcialidade de Deus como Deus dos pobres.³⁶⁴

Conforme Sobrino, Jesus, ao continuar esta tradição, causa escândalo e conflito. A parcialidade do Reino de Deus para com os pobres, as Vítimas da história perpassa toda a Revelação³⁶⁵ e manifesta-se dialeticamente: os que aceitam e os que rejeitam. Não se duvida da consciência transparente de que Jesus opta pela parcialidade do Reino de Deus, sobretudo nas parábolas.³⁶⁶ Com a pobreza, a criação de Deus se manifesta como violentada.³⁶⁷

Para Sobrino, quando Jesus se refere à *Torah*, exprime a vontade última de Deus.³⁶⁸ O pão da vida e o pão terreno não se contrapõem. O Reino de Deus se realiza dinamicamente como o mínimo que se torna o máximo para os pobres: a vida.³⁶⁹

3.2.3.3.

Via da prática de Jesus

³⁶⁴ Nota-se que a utopia em Israel e também nos povos vizinhos se expressava em termos de realeza: salvar os oprimidos da injustiça. No Antigo Testamento é clara a parcialidade do Reino de Deus em defesa ativa do pobre pelo fato de ser pobre. Cf. SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p. 130.

³⁶⁵ Idem.

³⁶⁶ Cf. Ibid., p. 131.

³⁶⁷ Idem.

³⁶⁸ Segundo Sobrino, Jesus se concentra nos mandamentos em relação ao próximo, que asseguram a vida como vontade primeira de Deus. No cumprimento dos mandamentos, Jesus mostra o ser humano primariamente necessitado e que precisa de ajuda (cf. Mc 7,10; Mt 15,4; Lc 10,30). A radicalidade de Jesus ao defender a vida torna-se ainda mais firme na crítica à interpretação da Lei elaborada pelos escribas, a *Halakah*. Ele condena a criação de tradições humanas que vão contra a vontade primigênia de Deus (cf. Mc 7,8-13; Mt 15,3. 9). Ele dá centralidade ao símbolo primário de vida: a comida e o pão. Ele come com os coletores de impostos (cf. Mc 2,15-17); desconsidera as abluções rituais antes da comida (cf. Mc 7,2-5; Mt 15,2); multiplica os pães no intuito de dar comida ao faminto (cf. Mc 6,30-44; 8,1-10; Mt 15,32-39); no juízo escatológico (cf. Mt 25,35.40) quem dá de comer ao faminto experimenta Deus; na oração ensina a necessidade de pedir o pão (cf. Mt 6,11; Lc 11,3). Cf. SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p. 132.

³⁶⁹ O fato de o Reino de Deus oferecer esse mínimo – a vida – aos pobres e isso tornar-se realidade adverte para a necessidade de falar da escatologia plenificante, sem esquecer a protologia da criação, e de falar da vida em plenitude, sem descuidar da vida básica. Cf. Ibid., p. 133.

Historicamente Jesus anunciou o Reino e fez coisas relacionadas com o Reino.³⁷⁰ Os Sinóticos apontam o sumário do anúncio do Reino e também os sumários da atividade de Jesus.³⁷¹ Em At 10,38 se diz que Jesus “passou fazendo o bem, curava a todos que o diabo mantinha escravizados, pois Deus permanecia com ele”.³⁷²

De acordo com Sobrino, as narrações evangélicas confirmam que Jesus se aproximou, durante a sua vida, de pecadores, publicanos, de enfermos, de leprosos, de pobres, de samaritanos, de pagãos e de mulheres favorecendo-os.³⁷³ Este fato, em sua globalidade, é reconhecido como uma característica histórica da práxis de Jesus. O conteúdo concreto do Reino surge do seu ministério e de sua atividade, considerados como um todo. Sua relação com os pobres e marginalizados recobra fundamental importância.³⁷⁴ Eis a verdade: “Jesus anuncia o Reino como boa-nova para os pobres (Lc 4,18; cf. Lc 7,22; Mt 11,5) e declara que o Reino é dos pobres (Lc 6,20; cf. Mt 5,3)”.³⁷⁵ Os pobres, os pecadores, os desprezados são os seus destinatários, porque “se encontram mais privados de vida em seus níveis mais elementares”.³⁷⁶ A forma como ele denuncia, demonstra sua defesa do pobre e sua prática social;³⁷⁷ e seu serviço concreto em prol do Reino de Deus, mostra que este versa na libertação dos pobres e marginalizados, que deve ser proclamada e concretizada na história como “a vontade de Deus para o mundo”.³⁷⁸ Melhor dizendo, Jesus realiza sua missão na realidade histórica concreta, “que conduz, inevitavelmente, à privação de sua segurança, de sua dignidade, de sua própria vida, isto é, em um molde histórico de

³⁷⁰ Cf. SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p. 136.

³⁷¹ “Jesus percorreu toda a Galiléia; pregava em sinagogas e expulsava os demônios” (Mc 1,39); “Jesus curou muitos doentes de diversas enfermidades e expulsou muitos demônios” (Mc 1,34; cf. Mt 8,16; Lc 4,40-41). Idem.

³⁷² Desta forma, o Reino não contém só o conceito de esperança ou de sentido, mas inclui também a exigência da práxis para que ele tenha início. Logo, quando se constrói ou se faz o Reino, a existência real do antieino se dá a conhecer. Nesse sentido são entendidos os milagres, a expulsão de demônios, a acolhida aos pecadores, as parábolas do Reino de Deus e a celebração da vinda do Reino: traços da pregação e da práxis de Jesus que mostram a força do Reino e a caducidade do antirreino. Cf. Idem.

³⁷³ SOBRINO, Jon. *Relação de Jesus com os pobres e marginalizados*. In: Concilium/150, 1979/10, p. 18.

³⁷⁴ Ibid., p. 21.

³⁷⁵ Idem.

³⁷⁶ Cf. Ibid., p. 22.

³⁷⁷ Ibid., p. 23.

³⁷⁸ Cf. Ibid., p. 24.

empobrecimento”,³⁷⁹ assumindo a “carne humana”, bem como “a solidariedade com os pobres e marginalizados”.³⁸⁰

Sobrino fala de um “Messias com um Reino para os pobres”.³⁸¹ Fala que este Jesus que o Novo Testamento apresenta nos evangelhos, expressa o centro das esperanças messiânicas dos pobres no Antigo Testamento.³⁸²

3.3.

A postura ética, mística e profética no labor teológico de Jon Sobrino

O ministério deve ser encarnado entre pobres e vítimas, impregnado de compaixão para propiciar vida, de profecia para desmascarar a injustiça, de esperança de que os pobres tenham vida e de que às vítimas se devolva existência, nome e dignidade.³⁸³

Para Sobrino, “mártir vivo”, “inspirador teológico de dom Oscar Romero e alma gêmea dos mártires da UCA”,³⁸⁴ as vítimas da história recuperam dois importantes pressupostos da revelação de Deus na Bíblia³⁸⁵ e de sua adequada leitura: a revelação de Deus se dirige e tem como finalidade a criação de todo um povo. A Bíblia é Tradição, “ontem, hoje e sempre”.³⁸⁶ Ele testemunha que o Deus

³⁷⁹ “Se é difícil delimitar concretamente os momentos particulares em que isto ocorre, o ambiente geral das narrações evangélicas o mostra e, de qualquer forma, sua morte na cruz o demonstra. Jesus foi privado de sua dignidade como deduzimos dos insultos dirigidos a ele e das cenas teologizadas em que querem enxotá-lo da sinagoga e do templo, verdadeira excomunhão. Jesus foi provado de sua segurança como aparece claramente na perseguição próxima à sua morte, recuada para os começos de sua vida pelos evangelistas (Mc 3,6; Lc 4,28), no sentido de insistir no ambiente persecutório contra ele. E finalmente, Jesus foi privado de sua própria vida, verdadeiro e supremo empobrecimento”. SOBRINO, Jon. *Relação de Jesus com os pobres e marginalizados*, p. 25.

³⁸⁰ Cf. *Ibid.*, p. 26.

³⁸¹ *Ibid.*, p. 139.

³⁸² *Ibid.*, p. 140.

³⁸³ *Id.* *O fundamental de todo ministério*, p. 14.

³⁸⁴ SOLS, José. *Teologia do martírio. In: Descer da cruz os pobres: Cristologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007. pp. 302-303.

³⁸⁵ De acordo com Sobrino, torna mais fácil falar de Deus seguindo a tradição bíblica: um Deus de *pobres e vítimas*. Ele diz que Monsenhor Romero deu um passo a mais: ‘glória Dei vivens pauper’: ‘a glória de Deus é que o pobre viva’. E Casaldáliga: ‘gloria Dei manducans esuriens’: ‘a glória de Deus é que o faminto coma’. Cf. SOBRINO, Jon. *O fundamental de todo ministério*, p. 13.

³⁸⁶ “Temas tão capitais para a fé como o Êxodo, os profetas, o Reino de Deus, o evangelho como boa-notícia para os pobres, o Jesus pobre, misericordioso, profeta e libertador, o Deus da vida, defensor e advogado dos pobres e, por outro lado, a conversão, a libertação, o espírito das bem-

revelado em Jesus de Nazaré, anuncia a boa notícia aos pobres (Lc 4,18) e admite que o Reino de Deus lhes pertence (Mt 5,3; Lc 6,20).³⁸⁷ Sua experiência proclama que as vítimas deste mundo são insubstituíveis para se conhecer o Deus de Jesus.³⁸⁸ Por isso afirma: “se a correlação entre Deus e pobres é verdadeira, então para conhecer os pobres, deve-se conhecer a Deus, mas para conhecer a Deus deve-se conhecer os pobres”.³⁸⁹

3.3.1.

Sentir a indignação ética para contemplar o rosto de Deus nas vítimas

No rosto do pobre conhecemos melhor a Jesus Cristo, que conhecido, ajuda a conhecê-las e a trabalhar em sua defesa.³⁹⁰

O contexto atual convoca à ética e à preocupação em dizer e anunciar aquilo que é mais importante para a vida.³⁹¹ Os novos paradigmas da Ética Cristã reafirmam o projeto de Jesus Cristo: “Eu vim para que todos tenham vida, e vida plena” (Jo 10,10); e confirmam à luz das tradições que o mais importante é a vida

aventuranças, a esperança que é ao mesmo tempo histórica e transcendente, a supremacia do amor, o serviço, o compromisso na luta pela justiça, a disponibilidade à perseguição e ao martírio, etc., constituem o centro de suas reflexões e de sua doutrina”. Cf. SOBRINO, Jon. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus*, p. 63.

³⁸⁷ Isto constitui em sinal principal de sua messianidade (Mt 11,5; Lc 7,22). Daí ser lógico o júbilo de Jesus por serem os pequenos e não os sábios e prudentes que compreenderão os mistérios do Reino (Mt 11,25). Cf. *Ibid.*, p. 64.

³⁸⁸ “Deus está de modo oculto, mas real e decisivo (Mt 25), “com ternura especial” (Puebla, 196), nos pobres deste mundo”. Cf. *Ibid.*, pp. 64-65.

³⁸⁹ *Ibid.*, p. 65.

³⁹⁰ Cf. *Id.* *A Fé em Jesus Cristo*, p. 19.

³⁹¹ Bernard Haering diz que uma autêntica salvaguarda da tradição só é possível com uma plena consciência dos pressupostos históricos, em um contínuo contato com o ser humano histórico e suas relações interpessoais num mundo histórico concreto. Isto é, na abertura ao *tu* e ao *nós* humanos está sempre a abertura ao totalmente outro, ao *tu* divino. Cf. HAERING, Bernard. *Moral y religion em una perspectiva Cristiana*. In: *El Ateísmo Contemporáneo*. Ediciones Cristiandade, Madrid, 1973, Vol. IV 216-217.

para todos os povos, para todas as vidas neste grande corpo de Deus que é o mundo.³⁹²

Visualiza-se na teologia de Jon Sobrino, a atitude profética que o revela como uma pessoa preocupada com a realidade reconciliada para possibilitar relações de fraternidade. Tal atitude é permeada de esperança, pois segundo ele, a erradicação do mal que desumaniza abre espaço para a vida humana digna:³⁹³ “O pecado leva à morte do pecador, mas, antes disso, o pecado causa a morte de outros”.³⁹⁴ Ele insiste na ética do perdão-acolhida cristão da realidade, que consiste na “encarnação no mundo de pecado, no mundo das vítimas, em deixar-se afetar por elas, por sua pobreza e participar de sua fraqueza”.³⁹⁵ O perdão-acolhida ao pecador “reproduz o gesto de benignidade de Deus”³⁹⁶ e desvenda sua iniciativa salvadora. Sua espiritualidade integra a tensão entre amor e destruição:

³⁹² Valorizando esta premissa, eis o decálogo ético mencionado por Juan J. Tamayo no Fórum Mundial de Teologia e Libertação em 2006: “*Ética da libertação* em um mundo dominado por múltiplas opressões. Imperativo moral: Liberta o pobre, o oprimido! *Ética da justiça* em um mundo estruturalmente injusto. Imperativo moral: Age com justiça nas relações com teus semelhantes e trabalha na construção de uma ordem internacional justa! *Ética da gratuidade* em um mundo onde impera cálculo, o interesse, o benefício, o negócio. Imperativo moral: Sê generoso! Tudo o que tens recebeste gratuitamente. Não faças negócio com o gratuito! *Ética da compaixão* em um mundo onde impera o princípio da insensibilidade diante do sofrimento humano e ambiental. Imperativo moral: Sê compassivo! Tem misericórdia com os que sofrem. Colabora para aliviar seu sofrimento! *Ética da alteridade*, da acolhida e da hospitalidade para com os estrangeiros, os refugiados e os indocumentados. Imperativo moral: Reconhece, respeita e acolhe o outro como outro, como diferente! A diferença te enriquece! *Ética da solidariedade* em um mundo onde impera a endogamia. Imperativo moral: Sê cidadão do mundo! Trabalha por um mundo onde caibamos todos e todas! *Ética comunitária fraterno-sororal* em um mundo patriarcal onde predomina a discriminação de gênero em todos os campos da vida. Imperativo moral: Colabora na construção de uma comunidade de homens e mulheres iguais, não clônicos! *Ética da vida*, de todas as vidas, dos seres humanos e também da natureza, que tem o mesmo direito à vida que o ser humano; da vida dos pobres e oprimidos, constantemente ameaçada. Imperativo moral: Defende a vida de todo ser vivente. Vive e ajuda a viver! *Ética da incompatibilidade*, entre Deus e o dinheiro em um mundo onde se combinam, facilmente, a fé em Deus e a crença aos ídolos, a adoração à divindade e ao outro do bezerro. Imperativo moral: Compartilha os bens! Tua acumulação gera o empobrecimento daqueles que vivem ao teu redor!”. Cf. TAMAYO, Juan José. *Teologia para outro mundo é possível*. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *Teologia para outro mundo possível*. São Paulo, Paulinas: 2006, pp. 451-452.

³⁹³ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*. p. 99.

³⁹⁴ Ele diz que resistir contra o pecado significa denunciá-lo profeticamente, desmascará-lo por ser a mais grave ofensa contra Deus. Nessa luta se destroem, objetivamente, os ídolos que matam e, concretamente, as estruturas de opressão e violência. Entretanto, nessa luta, novas estruturas de justiça são construídas, a conscientização é propiciada, além da organização política, social e pastoral... Trata-se de defender as vítimas, os milhões de seres humanos que vivem na miséria. Cf. *Ibid.*, pp. 101-102.

³⁹⁵ É uma encarnação que promove conversão, conduz à solidariedade e compaixão para com a vida das mesmas, abrindo-se à realidade, captando sua verdade e suas exigências. Cf. *Ibid.*, p. 102.

³⁹⁶ *Ibid.*, p. 106.

“Pelo amor e pela defesa das vítimas, Jesus diz a verdade aos opressores e oferece-lhes salvação. Seu amor se realiza no perdão-acolhida à pessoa do opressor. Esse amor regenera e recria. Jesus acolhe, perdoa, liberta e salva o pecador”.³⁹⁷

Sobrino diz que somos chamados a vivenciar a essência e a finalidade do perdão-acolhida para que haja reconciliação, comunidade, e Reino de Deus.³⁹⁸ Por isso insiste na necessidade do testemunho da boa notícia,³⁹⁹ pois crê que esta “só dará esperança às vítimas deste mundo se for e agir como Jesus”.⁴⁰⁰

3.3.1.1.

A teologia como “*intellectus amoris*” e o “Princípio Misericórdia”

Quando o pobre não está no centro, tampouco a misericórdia está no centro. E sem ela, desaparece o humano.⁴⁰¹

O Reino de Deus se torna presente onde as pessoas atuam com misericórdia.⁴⁰² O Princípio Misericórdia nos desafia a assumir atitudes práticas inspiradas na ética da misericórdia do bom samaritano (cf. Lc 10,33-36).⁴⁰³ A ética misericordiosa requer o despertar do sono da inumanidade para a realidade de humanidade, aprender a ver Deus a partir do mundo das vítimas e vice-versa; essa ação misericordiosa produz alegria e sentido da vida.⁴⁰⁴

Diante de um contexto mundial religiosamente plural, culturalmente diverso e sofredor, Sobrino percebe que a teologia está consciente da necessidade de se

³⁹⁷ Sobrino recorda que Dom Oscar Romero viveu plenamente a espiritualidade do perdão-acolhida. Impregnado pelo Mistério do Amor e da Realidade, profeticamente, denunciava e exortava os opressores em nome de Deus a deixarem o caminho da opressão e da repressão, “pelo bem das Vítimas e deles mesmos”. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 107-108.

³⁹⁸ Ibid., p. 109.

³⁹⁹ “Jesus olha a vida com os olhos das vítimas necessitadas de ajuda. Para ele, a melhor metáfora de Deus é a compaixão para com um ferido. Cf. PAGOLA, José Antônio. *Jesus*, p. 174.

⁴⁰⁰ SOBRINO, Jon. Op.cit., p. 155.

⁴⁰¹ Id. *Onde está Deus?*, p. 124.

⁴⁰² Cf. PAGOLA, José Antônio. *Jesus*, p. 174.

⁴⁰³ Ou seja, assumir o compromisso afetivo e efetivo em relação às Vítimas deste mundo; tomar a atitude misericordiosa como princípio configurador da vida e missão cristãs; trabalhar pela justiça em favor do pobre oprimido como expressão de amor. Cf. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 26.

⁴⁰⁴ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 28.

mostrar relevante deste mundo no qual se realiza a atividade teológica.⁴⁰⁵ Ele afirma que a teologia que mais se confronta com o mundo sofredor é a TdL.⁴⁰⁶ E “o fato maior”, para esta é a “irrupção dos pobres”.⁴⁰⁷ “Os pobres tomaram inocutavelmente a palavra, como palavra da realidade; e de uma dupla forma: com seu sofrimento e com sua esperança”.⁴⁰⁸ A irrupção dos pobres “está presente na TdL, como princípio, como aquilo que continua atuante no processo da teologia, dirigindo seu pensar e motivando sua finalidade”.⁴⁰⁹

De acordo com Sobrino, determinar o fato maior de nosso mundo como a irrupção dos pobres⁴¹⁰ é uma opção humana e crente; e é também uma opção que exerce o papel de pré-compreensão para a teologia.⁴¹¹ Ele assegura que a pobreza dos povos do Terceiro Mundo é massiva⁴¹², é a pobreza-morte que mais divide o mundo e contrapõe empobrecedores e empobrecidos, violentadores e violentados, verdugos e vítimas⁴¹³. E por isso, a pobreza é interpelação ética⁴¹⁴, interpelação de uma práxis⁴¹⁵, interpelação ao sentido da vida pessoal e coletiva⁴¹⁶.

⁴⁰⁵ Cf. Ibid., 47.

⁴⁰⁶ Cf. Ibid., p. 48.

⁴⁰⁷ Cf. Idem.

⁴⁰⁸ Sobrino afirma que “o fato maior” tem um conteúdo objetivo: a pobreza, que corresponde ao sujeito. Para a TdL, portanto, confrontar-se com a realidade é confrontar-se com essa pobreza e que esse confronto é inevitável. Cf. Ibid., p. 49.

⁴⁰⁹ Sobrino faz esta afirmação mediante uma dupla razão: a primeira corresponde à própria noção do que é fazer TdL. Melhor dizendo, porque os pobres continuam irrompendo, continua sendo válido o princípio que deu origem à TdL. E a segunda, para evitar o mal-entendido de que a TdL já teria tido o seu *kairós*. Cf. Ibid., pp. 49-50.

⁴¹⁰ Segundo Sobrino, *a irrupção dos pobres* exige e possibilita uma nova pré-compreensão e uma conversão fundamental da atividade teológica. Além disso, é questionamento primário a toda atividade humana e cristã, e também à teológica, que exige uma resposta: é preciso erradicar o sofrimento dos pobres. Nessa resposta, a teologia vai se configurando como a inteligência do amor. Cf. Ibid., p. 66.

⁴¹¹ Para Sobrino, a formalidade salvífica da mensagem cristã acontece num mundo privado ativamente de salvação e sujeito a algum tipo de escravidão – o antirreino contrário ao Reino de Deus. Por isso, para que a mensagem positiva da teologia tenha sentido, é essencial analisar a negatividade. Cf. Ibid., p. 51.

⁴¹² Tende a se impor como fato maior por sua realidade concreta. O que significa estar perto da morte lenta produzida pelas estruturas injustas e opressoras, e da morte violenta originada pela repressão contra os pobres e pelas guerras que são produzidas em países pobres justamente quando estes querem se libertar de sua pobreza. Cf. Id. *O Princípio Misericórdia*, pp. 52-53.

⁴¹³ A pobreza-morte gera empobrecimentos de tipo cultural, psicológico, espiritual, e agrava os sofrimentos provenientes de outras raízes estruturais: raça, cultura, sexo, religião. Cf. Ibid., p. 53.

⁴¹⁴ “[...] expressa em si mesma o maior dos males morais, o pecado fundamental objetivo como aquilo que causa morte, e desmascara o pecado fundamental subjetivo, o egoísmo estrutural ou a estruturação dos egoísmos que a produzem”. Cf. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 54.

⁴¹⁵ “Pois clama objetivamente por sua erradicação e exige a mobilização de todas as forças do espírito humano para realizá-la, para reorientar, transformar e revolucionar a realidade deste mundo na direção da vida”. Cf. Idem.

Religiosamente, questiona pela verdadeira divindade e pelo último, pelo Deus da vida ou os ídolos da morte⁴¹⁷. Também assegura que a relação de Deus com as Vítimas deste mundo, aparece como uma constante de sua revelação. Ela é resposta aos clamores dos pobres⁴¹⁸: “para conhecer a revelação de Deus, é necessário conhecer a realidade dos pobres”⁴¹⁹.

Sobrino afirma que a TdL, pelo fato de existir em massa, por seu conteúdo e por sua base escriturística, pode – e está convencida de que deve – basear-se na irrupção, hoje, dos povos oprimidos e crucificados⁴²⁰. Portanto, observar a totalidade da realidade a partir dos pobres sofredores como o fato maior é, em último termo, uma opção⁴²¹ que é redescoberta dentro do círculo hermenêutico, na Escritura⁴²². “A opção por ver nos pobres sofredores o fato maior desempenha o papel de pré-compreensão para a teologia, tanto para poder compreender os textos da Escritura como para compreender o texto da realidade de hoje”⁴²³.

A TdL partilha e em grande parte, assume as reflexões antropológicas precedentes, mas acrescenta outros elementos ao que é a pré-compreensão. Ou

⁴¹⁶ “Exige que se tome posição frente à pergunta sobre se a história tem solução ou não, se a esperança ou a resignação é mais sábia, se a supremacia é do amor ou do egoísmo”. Cf. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 54.

⁴¹⁷ “É a mediação atual da eterna pergunta da teodicéia, quer dizer, se a história não é só absurda, pela presença da pobreza-morte, mas também escandalosa, por afirmar-se a existência de um Deus; e de antemão põe as condições fundamentais para que possa haver algum tipo de resposta a essa pergunta última”. Cf. Idem.

⁴¹⁸ Cf. Ibid., p. 55.

⁴¹⁹ “Existe uma correlação transcendental entre revelação de Deus e clamor dos pobres; e por isso, embora a revelação de Deus não se reduza a responder ao clamor dos pobres, sem introduzir essencialmente essa resposta na revelação cremos que não é compreendida”. Idem.

⁴²⁰ “Sem atender a esse fato maior, a teologia se mutila quantitativamente e degenera qualitativamente, tanto de um ponto de vista histórico atual como bíblico revelatório. E positivamente, implica a possibilidade de organizar conceitualmente melhor a teologia como um todo”. Cf. Idem.

⁴²¹ Cf. Ibid., p. 56.

⁴²² Sobrino diz que fazer uma opção prévia à atividade teológica compete consciente ou inconscientemente, a toda teologia, e é ela que guia sua leitura dos textos e sua reflexão sistemática. E apresenta em dois pontos o significado da opção concreta da teologia da libertação para a atividade teológica: Primeiro, considerar a opção como pré-compreensão da teologia, (tarefa normalmente refletida por muitas teologias). Segundo, considerar a opção como conversão da teologia, (tarefa menos realizada e muitas vezes nem sequer prevista). Cf. Id. *O Princípio Misericórdia*, p. 56.

⁴²³ Segundo Sobrino, a necessidade de alguma forma de pré-compreensão não é originalidade da TdL. Esta ficou estabelecida desde Bultmann. “Para transpor a distância histórica e cultural entre o presente e os textos do passado necessita-se uma pré-compreensão existencial, sem a qual não pode ser compreendido o *kerygma* pascal (Bultmann); para compreender os textos sobre o Reino de Deus e a ressurreição de Cristo necessita-se uma abertura confiante ao futuro (Pannenberg) ou uma esperança contra esperança (Moltmann); para compreender qualquer texto como possivelmente revelatório necessita-se a ativa disponibilidade a ser ouvinte da palavra (Rahner), etc.”. Cf. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 57.

seja, além da dimensão de abertura e esperança do sujeito e da afirmação de que o dom e a graça são possíveis, deve-se estender a sua dimensão praxica e a compreender os textos (do passado) da revelação de Deus, e sua palavra através deles, bem como para ler o texto da realidade atual e a possível manifestação de Deus através dela. “Isso inclui primariamente o modo de ‘ver’ a realidade desde uma determinada ótica”.⁴²⁴

Na opinião de Sobrino, não se pode duvidar da capacidade da TdL de ser entendida por muitos seres humanos.⁴²⁵ A razão do potencial humano-ecumênico desta teologia está em sua opção prévia, ou seja, em ver o mundo a partir dos pobres e na opção pelos pobres que essa visão desencadeia.⁴²⁶ Para ele, a pré-compreensão pretende capacitar a reler e compreender os textos da revelação, inclusive para descobrir o que estava encoberto e desvelar o que estava oculto.⁴²⁷ Daí que a TdL revalorizou o princípio da parcialidade no tratamento dos conteúdos teológicos. Ela está movida e guiada pelo princípio de parcialidade que a possibilita e exige sua pré-compreensão.⁴²⁸

Segundo Sobrino, a TdL revalorizou o princípio de descentramento.⁴²⁹ Através deste, o ser humano chega ao centro de si mesmo⁴³⁰ determina a pobreza

⁴²⁴ De acordo com Sobrino, para a TdL, *pré-compreensão* significa “ver a realidade a partir dos pobres, disponibilidade e agir sobre ela para mudá-la e releitura dos textos da revelação a partir das duas coisas”. Por ser algo *criatural*, possibilidade e necessidade conatural ao ser humano, “a pré-compreensão usada por uma teologia deveria ser partilhada por muitos seres humanos”. Cf. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 58.

⁴²⁵ “Esta teologia foi entendida por outras teologias em outras partes do mundo: pelas teologias católicas e de outras confissões, por teologias de outras religiões (as abraâmicas certamente, mas também as antigas teologias de religiões asiáticas) e inclusive por ideologias que prescindem do religioso”. Cf. *Idem*.

⁴²⁶ Cf. *Ibid.*, pp. 58-59.

⁴²⁷ Sobrino diz que os pobres são uma realidade concreta, diferente e oposta a outras, e por isso o fato de Deus se ter revelado aos pobres introduz o princípio de parcialidade na revelação e na teologia. Os pobres desempenham o papel da alteridade radical para os que não são pobres, e daí surge o princípio de descentramento. Cf. *Ibid.*, p. 60.

⁴²⁸ Fala-se de um Deus da vida para os pobres, de Jesus Cristo libertador dos pobres, de uma Igreja dos pobres, etc. Ela o redescobriu a partir de sua opção, a qual permite compreender a correlação transcendental entre revelação de seus conteúdos com os pobres. Compreende a encarnação de Jesus de Nazaré como encarnação do fraco e oprimido deste mundo; compreende sua missão como boa-nova diretamente para os pobres deste mundo; sua perseguição e morte como resposta dos poderosos a sua defesa dos pobres. Cf. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 61.

⁴²⁹ Quer dizer, para chegar a ser é preciso passar pelo esquecimento do que é próprio. Cf. *Ibid.*, p. 62.

como fato maior. Tal postura supõe uma conversão.⁴³¹ Ele parte do prisma de que na atividade teológica deve estar presente, acima de tudo, a honestidade intelectual ante a realidade na tendência a subjugar a sua verdade. Esta é exigida na atividade teológica, tanto ante a verdade de alguns textos, bem como, ante a verdade da realidade.⁴³²

Sobrino fala da misericórdia como reação primária ante o mundo sofredor, e que é o amor primário:⁴³³ Na teologia a misericórdia⁴³⁴ tem de estar presente como conteúdo que a ela deve esclarecer e propiciar; e deve estar presente nesse mesmo exercício de atividade teológica, de modo que este seja também expressão da misericórdia ante o mundo sofredor. Neste sentido, a teologia deve ser *intellectus misericordiae*.⁴³⁵ Ele profere que teoria e práxis, *intellectus* e misericórdia devem ser concebidas como dimensões relacionadas uma à outra.⁴³⁶ E é isso que a TdL acentua, principalmente, “porque é uma teologia que se origina ante um mundo sofredor, e por isso sua pergunta primária é como deve ser seu *logos* para que esse sofrimento seja erradicado”.⁴³⁷ Esta teologia compreende a si mesma conscientemente como um *intellectus* cuja finalidade direta é dar forma e

⁴³⁰ Sobrino diz que este princípio de descentramento é essencial na revelação e na fé, e está presente na escritura. A TdL os redescobriu e revalorizou por uma opção: ter levado a sério a irrupção dos pobres. “Os pobres deste mundo, por sua concreção irredutível e por sua imperiosa necessidade de salvação, são os que têm a força para desmascarar a precipitada universalidade e o precipitado centrar-se em si mesmo. E, positivamente, os que abrem os olhos a estas duas dimensões essenciais da revelação e da fé”. Cf. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 63.

⁴³¹ Cf. *Ibid.*, p. 64.

⁴³² Sobrino diz que ao analisar concretamente essa honestidade fundamental, é importante pensar que determinar o sofrimento dos pobres como fato maior foi um ato de honestidade e de conversão. “São eles que melhor oferecem a verdade da realidade e os que têm a força para que essa verdade seja reconhecida, não escravizada pela teologia”. Cf. *Ibid.*, p. 65.

⁴³³ Analisando-a, Sobrino as mediações históricas da misericórdia são necessárias. Ela oferece a vantagem de mostrar a estrutura da reativação básica perante o mundo sofredor, sua primariedade e ultimidade. Ela significa reagir perante o sofrimento alheio, uma vez interiorizado em si mesmo. Cf. *Ibid.*, p. 66.

⁴³⁴ Sobrino diz que na revelação, ela é a reação correta ante o mundo sofredor, reação necessária e última para haver uma melhor compreensão de Deus, de Jesus Cristo, da verdade do ser humano, da realização da vontade de Deus e da essência humana. Cf. *Ibid.*, p. 67.

⁴³⁵ Segundo Sobrino, a atividade teológica deve estar imbuída de misericórdia; “e porque essa misericórdia é reação - ação, portanto -, tem de estar imbuída de ação, de práxis, na linguagem atual. Ou seja, uma teologia baseada na irrupção dos pobres tem uma finalidade práxica, e que práxis configura sua própria atividade”. Cf. *Ibid.*, p. 67.

⁴³⁶ Cf. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 67.

⁴³⁷ “A TdL estabelece dois modos distintos, embora relacionados, na interação entre teoria e práxis, entre teologia e exercício da misericórdia”. Sobrino diz ainda que a teoria deve ser para a práxis, o que o *intellectus* da teologia deve ser para o exercício da misericórdia. Cf. *Ibid.*, p. 68.

figura a uma práxis, orientando-a, animando-a, de modo que a teologia se converta em *intellectus* de uma práxis.⁴³⁸

A finalidade da TdL é diretamente a erradicação do mundo sofredor e a construção do Reino de Deus.⁴³⁹ Por essa razão concebe a si mesma como *intellectus* de uma práxis; no *intellectus* de uma misericórdia primordial adequada ao sofrimento do mundo.⁴⁴⁰ Desta forma, Deus é compreendido como a suma alteridade e mistério.⁴⁴¹ O aspecto prático da TdL e sua autocompreensão como momento ideológico de uma práxis, tem raiz última nas duas opções explicitadas: a determinação do mundo sofredor como fato maior e a misericórdia como reação primária perante ele.⁴⁴² Melhor dizendo, a TdL é, antes de tudo, um *intellectus amoris*, inteligência da realização do amor histórico pelos pobres deste mundo e do amor que nos torna afins à realidade do Deus revelado; e sob esse prisma, pode ser definida como *intellectus justitiae* ou *intellectus liberationis*.⁴⁴³

Sobrino insiste na estrutura formal da teologia como *intellectus amoris* – diferente do *intellectus fidei* –, no que consiste a maior novidade da TdL.⁴⁴⁴ e diz que a fé cristã foi desde o começo, acompanhada de um *logos* explicativo, argumentativo, apologético.⁴⁴⁵ Ele garante que na própria ação de fazer teologia se decide *in actu* a compreensão concreta que se tem de Deus, pois é ela que guia

⁴³⁸ Cf. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 69.

⁴³⁹ Cf. Idem.

⁴⁴⁰ Sobrino diz que é esta finalidade que faz a TdL reformular seu conteúdo fundamental como o “Reino de Deus”, introduzir a práxis na compreensão das duas magnitudes desta unidade dual: Reino e Deus. Portanto, este é compreendido tanto como objeto de conhecimento e esperança, bem como, objeto de uma práxis, como aquilo que deve ser feito contra o antireino - o mundo sofredor-, cuja direção e caminhos devem ser iluminados pela teologia. Cf. Ibid., p. 70.

⁴⁴¹ “A Deus se deve responder (em fé e esperança) deixando-o ser Deus, mas deve-se compreendê-lo promovendo na história o divino de sua realidade (misericórdia, justiça, amor, verdade, graça) e, assim, estar em afinidade com ele” Cf. Idem.

⁴⁴² Cf. Ibid., p. 71.

⁴⁴³ Cf. Idem.

⁴⁴⁴ Cf. Ibid., p. 72.

⁴⁴⁵ Segundo Sobrino, essa tendência tomou um rumo preciso com Agostinho, que no contexto das heresias trinitárias, assumiu que a formulação trinitária concreta é coisa adquirida: “também terá grande estima pela inteligência – *intellectum vero valde ama* - pois as mesmas Escrituras sagradas que nos levam a crer coisas superiores antes de as podermos entender não te serão de nenhuma utilidade se não as entenderes retamente”. Cf. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 72.

essa atividade e o significado da mesma.⁴⁴⁶ E propõe que a teologia, enquanto *intellectus* compreenda a si mesma a partir da totalidade da tríade fé-esperança-amor, e que, dentro dela, dê prioridade ao amor.⁴⁴⁷

Sobrino diz que é absolutamente racional que uma teologia que surge como resposta ao sofrimento ingente no Terceiro Mundo se conceba a si mesma como *intellectus amoris*, o que é uma universalização em terminologia bíblica do *intellectus misericordiae*, e exhibe, por sua vez, uma concreção histórica como *intellectus iustitiae*.⁴⁴⁸ Ele crê que ao definir a teologia como *intellectus amoris*, está em jogo sua relevância histórica e sua identidade cristã.⁴⁴⁹ ‘Conceber a teologia como *intellectus amoris*’, é a consequência última para a atividade teológica de levar a sério o mundo sofredor, os povos crucificados, as vítimas do Terceiro Mundo.⁴⁵⁰ No que diz respeito ao *intellectus amoris*, a TdL deseja aprofundar o entendimento da fé e o mais central dela: “Deus e o Reino de Deus” porque, a verdade desses conteúdos propicia a melhor prática do amor.⁴⁵¹ E em relação ao *intellectus fidei*, a TdL é clara por princípio. Principalmente por valorizar, reconhecer e acumular conhecimentos dogmáticos, exegéticos, históricos, teológicos, filosóficos, das ciências sociais, etc., para melhor entender e aprofundar as verdades da fé.⁴⁵²

⁴⁴⁶ Central da revelação de Deus, é que o próprio Deus chega a se comunicar, e se dar a si mesmo, ou seja, que sua vontade para este mundo chegue a ser real. Por isso, a revelação consiste na doação de sua própria realidade. E a resposta a essa revelação consiste na acolhida real desse Deus, tornando historicamente real sua realidade transcendente. “No cerne da revelação do Deus cristão está a prioridade da comunicação real de Deus sobre o mero saber a respeito dela; a prioridade da vontade de Deus de que o mundo chegue a ser de uma maneira determinada”. Cf. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 73.

⁴⁴⁷ “O que em Deus há de promessa e nos seres humanos de esperança; mas, sobretudo o que em Deus há de amor e nos seres humanos de possibilidade e necessidade de realizar o amor, como o mais alto nível de realização de sua essência e de sua salvação”.

Cf. *Ibid.*, p. 74.

⁴⁴⁸ Para o Sobrino, isso não elimina que seja também uma inteligência dos conteúdos da fé e uma inteligência da esperança, mas implica que os dois momentos se subordinam logicamente à inteligência do amor; e se crê que nessa subordinação lógica também se potenciam. Cf. *Idem*.

⁴⁴⁹ Cf. *Ibid.*, p. 76.

⁴⁵⁰ Sobrino crê que nisso consiste a maior novidade teórica da teologia da libertação no que toca à própria atividade teológica. O que torna a teologia mais bíblica e relevante historicamente. Em sua opinião, a primazia dada ao *intellectus fidei*, afastou a teologia de suas raízes bíblicas e a encaminhou para a irrelevância e alienação históricas, com males para a realidade do mundo e para a própria teologia. Cf. *Ibid.*, p. 75.

⁴⁵¹ Aqui, Jon Sobrino admite: “Entender o que Deus é em sua própria realidade (o mistério do amor da Trindade), o que é o Reino de Deus (um mundo segundo o amor de Deus), é tarefa perene de toda teologia e especificamente necessário e frutífero para uma teologia que quer propiciar a prática do amor”. Cf. *Ibid.*, p. 76.

⁴⁵² Cf. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, pp. 76-77.

Sobrino diz que a prioridade que se dá ao *intellectus amoris* configura também a compreensão do *intellectus fidei*,⁴⁵³ porque é na prática do amor que o ser humano se vê confrontado com maior radicalidade com a pergunta pela verdade da fé.⁴⁵⁴ Ele certifica que a TdL enquanto *intellectus amoris* é a teologia que mais radicalmente se vê confrontada com a pergunta pela verdade.⁴⁵⁵ Quando o amor é praticado, a realidade comprova que a esperança é primigênia e revela o que nela existe de promessa; que o próprio amor é o último e o que mantém a esperança.⁴⁵⁶

Ele crê que na América Latina ocorre a prática do amor que existencialmente mantém a aceitação da fé. O que, para a atividade teológica, tem algumas consequências: “esclarecer a verdade da fé e aceitar a verdade da fé que se realizam simultaneamente”.⁴⁵⁷ A este processo, ele dá o nome de *mistagogia*, ou seja, a iluminação originada pelo contato com a própria realidade do mistério.⁴⁵⁸ “Sem mistagogia sempre fica na penumbra o que é aquilo que se quer

⁴⁵³ Cf. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 77.

⁴⁵⁴ Sobrino afirma que na realidade do mundo sofredor e na presença do que ocorre à prática do amor surgem inevitavelmente as perguntas últimas teológicas: “é verdade que a esperança é o mais sensato? Não será mais sensata a resignação ou o desespero? É verdade que a fé é *obsequium rationabile*? Não será mais racional o agnosticismo ou o ateísmo de protesto?”. Segundo ele, estas questões que podem surgir em várias situações, surgem com maior força na prática do amor-justiça, porque nela aparece o questionamento mais radical da verdade de Deus e de seu Reino: os pobres, inocentes e privilegiados de Deus, são vítimas do antireino, os ídolos da morte parecem ter mais poder do que o Deus da vida. Cf. Idem.

⁴⁵⁵ “Precisamente, porque proclama a realidade de Deus como Deus da vida, esta teologia está mais estimulada a responder pela verdade do que afirma”. Cf. Idem.

⁴⁵⁶ Cf. Ibid., p. 78.

⁴⁵⁷ “Dentro da prática do amor, a verdade da fé é esclarecida de forma mais cristã, pois então a fé se converte em vitória (João), contra a tentação de abandoná-la, e a esperança é contra esperança (Paulo), contra a tentação da desesperança; o esclarecimento da fé se faz, em último termo, como mistagogia”. Cf. Cf. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 78. Segundo G. G. PESENTI, nos escritos de Paulo emerge o conceito de grande mistério, de dimensão soteriológica cósmica: Deus, desde a eternidade, em sua sabedoria, preordenou a salvação dos homens (cf. Rm 16,26), com plano de ação secreto. Essas coisas permaneceram ocultas a todos (cf. 1 Cor 2,7), até que aprouve a Deus revelá-las e realizá-las, com modalidades superiores a toda previsão humana. Com efeito, o evento da encarnação, a preferência de Cristo pelos pobres e pelos pecadores, a loucura da cruz, a ressurreição de Jesus, a defecção temporária e parcial de Israel e o chamamento dos pagãos para o novo povo de Deus são claramente fatos imprevisíveis. A revelação do mistério cristão foi feita de maneira mistagógica aos discípulos (cf. Mc 4,11), enquanto aos outros era oferecida de maneira enigmática. O mistério do chamamento dos pagãos à Igreja foi revelado a Paulo, que se tornou seu mistagogo por excelência. A revelação do mistério global da salvação compreende o conhecimento e o início da fruição dos bens salvíficos, já presentes em Cristo. São bens soteriológicos e escatológicos, oferecidos por Deus a todos, para se livrarem de satanás, do pecado e da morte eterna, a fim de viverem na paz e na alegria de Jesus, com amor a Deus e aos irmãos, e entrarem na vida gloriosa de Deus, ao lado de Cristo, que está sentado à direita do Pai. Cf. PESENTI, G. G. *Mistagogia*. In: *Dicionário de Mística*. São Paulo: Paulus / Edições Loyola, 2003, pp. 702-703.

⁴⁵⁸ Cf. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 78.

esclarecer; e na atualidade, uma teologia que não for mistagógica acaba não esclarecendo nada”.⁴⁵⁹ Uma Teologia que se concebe como *intellectus amoris*, procura ser também mistagógica; oferece o caminho do amor como o caminho primário da mistagogia, em último termo porque é o amor que nos torna semelhantes a Deus e a partir dessa semelhança se decide se tem ou não sentido a afirmação de Deus.⁴⁶⁰

Segundo Sobrino, com os pobres sofredores irrompeu o servo de Javé em totalidade: servo sofredor e servo que oferece luz e salvação. E esta irrupção tem a estrutura de boa notícia, a estrutura da graça: algo que nos foi dado inesperada e imerecidamente.⁴⁶¹ Uma teologia baseada nessa irrupção tem de ser também *intellectus gratiae*, tem de ser reflexão sobre o que foi dado enquanto dado.⁴⁶²

“*Intellectus amoris* e *intellectus gratiae* são duas formas específicas em que se configura uma teologia que toma como sinal dos tempos a irrupção dos pobres sofredores e esperançosos”.⁴⁶³ Sobrino crê que esse é o programa e essa é a novidade teórica que a TdL assume em sua atividade e oferece à teologia. Para ele, ‘povos crucificados’ é a linguagem útil e necessária no nível fatural-real, porque ‘cruz’ significa morte, e morte é aquilo a que estão submetidos de mil maneiras os povos latino-americanos;⁴⁶⁴ no nível histórico-ético porque ‘cruz’ exprime um tipo de morte ativamente infligida;⁴⁶⁵ dentro do âmbito religioso porque ‘cruz’ evoca pecado e graça, condenação e salvação, ação dos homens e ação de Deus.⁴⁶⁶ Em seus escritos, especialmente na obra *O Princípio Misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*, Sobrino revela profunda

⁴⁵⁹ Cf. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 78.

⁴⁶⁰ Sobrino explica que o mistério de Deus irá se esclarecendo ou obscurecendo a partir de dentro. Ele resume esta idéia parafraseando as palavras de misericórdia de Miquéias 6,8: “defender o direito e amor a lealdade é o que se precisa realizar, é a exigência primária do amor e da justiça. Mas essa prática se converte também em mistagogia. Assim se caminha humildemente com Deus na história”. Cf. *Ibid.*, p. 79.

⁴⁶¹ Cf. *Ibid.*, p. 79.

⁴⁶² Aqui, Sobrino lembra que desde o princípio a teologia da libertação insistiu na dimensão de gratuidade da irrupção dos pobres, interpretada como encontro com Deus, mais exatamente, ser encontrados por Deus. Cf. *Ibid.*, p. 80.

⁴⁶³ Levar a sério estas duas formas implica em mostrar que a teologia responde à totalidade da revelação e da fé; é uma forma de unificar, ao mesmo tempo, a afinidade de Deus e a alteridade de Deus. Bem como, uma forma de unificar o transcendente e o histórico. Cf. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 80.

⁴⁶⁴ Cf. *Ibid.*, p. 85.

⁴⁶⁵ Cf. *Idem.*

⁴⁶⁶ “De um ponto de vista cristão, o próprio Deus se faz presente nessas cruces, e os povos crucificados se convertem no principal sinal dos tempos”. Cf. *Ibid.*, p. 86.

sensibilidade ética diante da realidade latino-americana, marcada pela dor e pelo sofrimento das Vítimas. Sua intenção é “mostrar a imperiosa necessidade da misericórdia diante dos povos crucificados”.⁴⁶⁷

3.3.2.

Mística do reencantamento no mundo das vítimas

Ao falar a respeito da fé de um povo oprimido no Filho de Deus, Sobrino apresenta a realidade e o significado da fé em Cristo a partir da opressão.⁴⁶⁸ Segundo ele, “toda teologia cristã que se considera fiel à sua origem bíblica e é, por isso, histórica, deve levar absolutamente a sério, os sinais dos tempos na sua reflexão”.⁴⁶⁹ Um destes sinais perpassa toda a história: ‘o povo crucificado’.⁴⁷⁰ Outros sinais destacados e que estão presentes na Teologia de Sobrino são ‘o seguimento’, a ‘mística da cruz e do martírio’.

3.3.2.1.

Mística do Povo Crucificado

Para Sobrino, a partir da opressão, crê-se no Filho de Deus devido à semelhança que existe entre um povo crucificado⁴⁷¹ e o Filho de Deus como

⁴⁶⁷ Cf. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 8.

⁴⁶⁸ Id. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus*, pp. 35-45.

⁴⁶⁹ Ibid., p. 35.

⁴⁷⁰ Explicitando-se melhor, ele cita a frase de Ignacio Ellacuría: “Este sinal é sempre o povo historicamente crucificado, que junta à sua permanência a sempre distinta forma de crucifixão. Esse povo crucificado é a continuação histórica do servo de Javé, sempre de novo despojado de tudo pelo pecado do mundo que lhe arrebata até uma vida, principalmente a vida”. Cf. SOBRINO, Jon. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus*, p. 35.

⁴⁷¹ “O povo crucificado” são as maiorias pobres que morrem lentamente devido à opressão da injustiça estrutural ou morrem rapidamente devido à repressão da violência institucionalizada. Esse povo em seu conjunto é o povo que, historicamente, “completa o que falta à paixão de Cristo” (Cl 1,24). Cf. Ibid., p. 36.

servo.⁴⁷² A fé no Filho de Deus é mediada antes de tudo pela semelhança com Deus Pai (*Theou*) de que fala o Novo Testamento (Cf. Mt 12,13; At 1, 13-26; 4, 27.36) e que é a tradução de *ebed Jahwe*, tal como nô-lo apresenta Isaías nos cantos do servo.⁴⁷³ Ele recorda que Cristo tem um corpo que o torna presente na história, e por isso é preciso perguntar se esse corpo está crucificado, que parte desse corpo está crucificada e se a crucifixão desse corpo é a presença de Cristo crucificado na história.⁴⁷⁴

Sobrino recorda as palavras de Ignacio Ellacuría,⁴⁷⁵ que diante da realidade histórica do Terceiro Mundo, dizia ser bom falar do “Deus crucificado”,⁴⁷⁶ mas seria mais necessário falar do “povo crucificado”, com o que, também, elevava a realidade dos povos do Terceiro Mundo à realidade teologal. Recorda também as palavras de Monsenhor Romero aos camponeses, sobreviventes de um massacre: “Vocês são a imagem do divino transpassado”.⁴⁷⁷

Sobrino compara o povo crucificado como o servo⁴⁷⁸ sofredor de Javé e descreve que a cristologização do povo crucificado foi realizada na América Latina ao analisar a coincidência do povo crucificado e de Cristo crucificado com

⁴⁷² “Encontramos em Cristo o modelo do libertador, o homem que se identifica com o povo, a tal ponto que os intérpretes da Bíblia não conseguem saber se o Servo de Javé, proclamado por Isaías é o povo sofredor ou se é Cristo que vem redimir-nos” Homilia feita por D. Oscar Romero em 21 de outubro de 1979. Cf. SOBRINO, Jon. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus*, p. 36.

⁴⁷³ Idem.

⁴⁷⁴ Cf. Id. *Jesus, o Libertador*, p. 366.

⁴⁷⁵ Para um melhor aprofundamento sobre a Teologia de Ignacio Ellacuría, sugere-se a respectiva tese de doutorado: PAULINO, Francisco de Aquino. *A Teologia como inteligência do reinado de Deus*.

⁴⁷⁶ Ellacuría dizia que nesta realidade, algo vai mal, e por isso, fala de “povos crucificados”. Segundo ele, a linguagem “povos crucificados” é útil e necessária no nível fatural-real porque “cruz” significa não só pobreza, mas também morte; no nível histórico-ético porque “cruz” expressa com toda clareza que não se trata de qualquer morte, mas de um tipo de morte ativamente infligida por estruturas injustas; a nível religioso, pois “cruz” é o tipo de morte que Jesus padeceu, e para o crente tem a força de evocar o fundamental da fé, do pecado e graça, da condenação e salvação. Enfim, é linguagem útil e necessária também na cristologia, pois os povos crucificados são os que completam em sua carne o que falta à paixão de Cristo. Eles são a presença atual de Cristo crucificado na história. Cf. SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p. 367.

⁴⁷⁷ Sobrino afirma que estas são palavras estritamente cristológicas, porque expressam que nesse povo crucificado Cristo toma corpo na história e que o povo crucificado é que o incorpora à história enquanto crucificado. Cf. *Ibid.*, p. 368.

⁴⁷⁸ Do servo se diz que “deram-lhe sepultura em meio aos ímpios, um túmulo com os malfeitores” (53,9). Do servo se diz que “ele se humilhava e não abria a boca, como cordeiro conduzido para o matadouro” (53,7). Do servo se diz que “foi eliminado por um julgamento violento” (53,8), em total impotência ante a arbitrariedade e a injustiça. Finalmente, do servo se diz que é inocente: “embora não tivesse praticado a violência nem houvesse falsidade em sua boca” (53,9). Sobrino afirma que esta é a realidade do povo crucificado. É a realidade das Vítimas da história. Cf. *Ibid.*, p. 371.

a figura do servo sofredor de Javé.⁴⁷⁹ Ele diz que a teologização do povo crucificado como servo sofredor de Javé se impôs na América Latina ante duas realidades fundamentais do servo: o que o servo tem de vítima histórica e o que tem de mistério salvífico.⁴⁸⁰ Aqui, a importância de debruçar-se na “soteriologia histórica” que é específica ao povo crucificado.⁴⁸¹

Refletindo sobre o mistério do povo crucificado, Sobrino diz que o servo é o escolhido por Deus para a salvação.⁴⁸² Este servo, misteriosa e paradoxalmente, é o eleito de Deus (42,1; 49,3.7). Os povos pobres crucificados,⁴⁸³ as Vítimas da história são princípio de salvação. Eles são os portadores da “soteriologia histórica”, e nisso consiste a especificidade e a maior novidade da análise teológica do servo que se faz na América Latina.⁴⁸⁴

Sobrino profere que os cânticos de Isaías além de descreverem a realidade e destino do servo, refletem também sobre o mistério, sobre as causas e consequências de seu destino.⁴⁸⁵ O servo é morto por estabelecer o direito e a justiça;⁴⁸⁶ é o escolhido por Deus para a salvação;⁴⁸⁷ ele carrega o pecado do mundo;⁴⁸⁸ é luz das nações⁴⁸⁹ e traz salvação.⁴⁹⁰ Em sua origem, o servo é escolhido por Deus para “levar o direito aos povos” (42,1. 4) e implantar a “justiça” (42,6). Na linguagem que depois Lucas usará, para “abrir os olhos dos cegos, tirar do cárcere os presos e da masmorra os que moram na escuridão”

⁴⁷⁹ Sobrino recorda e cita frases dos dois mártires salvadorenhos, Monsenhor Romero e Ignacio Ellacuría. O primeiro dizia que Jesus Cristo, o libertador, tanto “se identifica com o povo, ao ponto de os intérpretes da Escritura não saberem se o servo de Javé que Isaías proclama é o povo sofredor ou é Cristo que vem nos remir”. O segundo proferia: “Esse povo crucificado é a continuação histórica do servo de Javé, do qual o pecado do mundo continua tirando toda figura humana, o qual os poderes deste mundo continuam despojando de tudo, continuam arrebatando-lhe até a vida, sobretudo a vida”. Cf. SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p. 368.

⁴⁸⁰ Cf. Idem.

⁴⁸¹ Com o texto de Isaías na mão e com os olhos fixos na realidade salvadorenha, Sobrino tece magistralmente, uma meditação sobre o povo crucificado em relação ao Servo de Javé. Cf. *Ibid.*, pp. 369-370.

⁴⁸² Cf. *Ibid.*, p. 373.

⁴⁸³ Cf. SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p. 374.

⁴⁸⁴ Deus escolhe as vítimas da história (especificamente, os pobres crucificados) e faz delas o instrumento principal de salvação, como o é Jesus em sua dupla dimensão de anunciador do Reino e de vítima na cruz. Trata-se do mistério de que a salvação vem “de baixo”, ou seja, o que é fraco e pequeno neste mundo foi escolhido para salvar. Cf. *Ibid.*, pp. 373-375.

⁴⁸⁵ Cf. *Ibid.*, p. 372.

⁴⁸⁶ Cf. Idem.

⁴⁸⁷ Cf. *Ibid.*, p. 373.

⁴⁸⁸ Cf. *Ibid.*, p. 374.

⁴⁸⁹ Cf. *Ibid.*, p. 376.

⁴⁹⁰ Cf. *Ibid.*, p. 377.

(42,7). Essa é a origem do servo e a finalidade de sua missão, e nisso se empenhará ativamente: “Ele não esmorecerá nem se deixará abater até estabelecer na terra o direito” (42,4).⁴⁹¹ O servo total reproduz tanto a missão como o destino de Jesus.⁴⁹²

3.3.2.2.

Mística do seguimento

O ‘seguimento’ remete ao canal da vida real configurado pela vida de Jesus. O ‘com espírito’ remete à força para o caminhar real. E o ‘pro’ remete à necessidade perene de atualização e à abertura à novidade do futuro.⁴⁹³

A tese de Sobrino é formulada assim: “o seguimento de Jesus é o canal que se deve percorrer (dimensão cristológica), e o Espírito é a força para percorrê-lo atualizadamente (dimensão pneumatológica)”.⁴⁹⁴ Ele diz que seguimento e espírito são realidades convergentes que respondem a diferentes âmbitos de realidade. O seguimento é a estrutura de vida, o canal marcado por Jesus para se caminhar, e o Espírito é a força que capacita para caminhar real e atualizadamente por esse canal ao longo da história. Por isso, mais do que seguimento, deve-se falar de pró-seguimento, e a partir daí a totalidade da vida cristã pode ser descrita como ‘pró-seguimento de Jesus com espírito’.⁴⁹⁵

Sobrino afirma que o Espírito dá força para o seguimento, mas o seguimento é o seu lugar próprio. “O caminho que leva ao conhecimento de Jesus Cristo é o ‘seguimento com espírito’, mas não a ação do Espírito independente do seguimento”.⁴⁹⁶ Ele descreve que os Sinóticos mostram que a vida de Jesus está penetrada por uma força especial, é uma ‘vida penetrada pelo Espírito de Deus’, e

⁴⁹¹ Cf. SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*, p. 372.

⁴⁹² Cf. *Ibid.*, pp. 372-373.

⁴⁹³ *Ibid.*, p. 483.

⁴⁹⁴ *Id. A Fé em Jesus Cristo*, p. 482.

⁴⁹⁵ *Ibid.*, pp. 482-483.

⁴⁹⁶ Sobrino explica em nota que escreve “Espírito” ou “Espírito de Deus” (com maiúscula), para se referir ao Espírito Santo, a terceira Pessoa da Trindade. E escreve “espírito” com minúscula, para se referir a suas manifestações concretas na história. Cf. *Ibid.*, p. 484.

por isso seguir a Jesus na história será seguir alguém que, em vida, esteve cheio do Espírito, e o seguimento desse ‘Jesus com “espírito” incluirá no seguidor a disponibilidade a deixar-se afetar pelo que seja “espírito”. “Que Jesus viveu, atuou e morreu ‘com espírito’ é inegável. Sua vida de modo algum aparece como coisa mecânica, mas sim sabe lidar com a realidade de um mundo determinado, original e sempre por fazer”.⁴⁹⁷

O seguimento é o lugar de historizar as manifestações do Espírito de Deus. E, a partir daí, o lugar de reconhecer – doxologicamente – que é o Espírito que nos ensina quem é Jesus, que é a força de Deus ‘para fazer coisas maiores ainda’.⁴⁹⁸

Jesus de Nazaré nos introduz na história de maneira mais adequada, se nos capacita a vivê-la de maneira mais humana, a descentrar-nos para sermos para os outros, a caminhar com esperança para um futuro absoluto, desconhecido, misterioso e utópico, a caminhar com Deus e para Deus.⁴⁹⁹

Sobrino explica que a partir de Jesus Cristo, a fé cristã tem como conteúdo central uma boa notícia: Jesus anuncia e inicia a boa notícia do Reino de Deus, ele mesmo – por seu destino, modo de ser e fazer – é boa notícia, sua ressurreição traz esperança às vítimas e, através delas, a todos.⁵⁰⁰ Ele também insiste no seguimento de Jesus e em sua estrutura fundamental – que se tem que refazer com espírito e no Espírito – e em que esse seguimento é o caminho para Deus.⁵⁰¹ Para ele, o seguimento cristão tem alguns elementos. São eles: encarnação

⁴⁹⁷ Segundo Sobrino, as manifestações do Espírito em Jesus são de novidade, de verdade e vida e de êxtase para o Pai. Em relação ao Espírito de novidade, Jesus se põe como criatura diante de Deus. Sua vida está perpassada de espírito de discernimento e de liberdade. Em relação ao Espírito de verdade e vida, é importante perceber que para o próprio Jesus viver significou propiciar a vida, defender aqueles a quem tinha sido arrebatada a vida, e ao propiciar a vida dos pobres o próprio Jesus vive. Sua vida está impregnada do espírito de vida e perpassada pelo Espírito de verdade. A misericórdia – que define o ser humano cabal (o bom samaritano) e o Pai celestial, que, “movido de misericórdia, saiu ao encontro do filho” – é também o que define o próprio Jesus, que age movido pela súplica “tem misericórdia de mim”. A vida de Jesus está perpassada pelo espírito de amor e misericórdia. Em relação ao Espírito de êxtase, vale dizer que a vida de Jesus está perpassada pelo espírito de oração e impregnada pelo espírito de gratuidade. E nisto consiste o verdadeiro êxtase de Jesus, seu descentramento fundamental, seu sair de si mesmo. Cf. SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, pp. 484-486.

⁴⁹⁸ Cf. SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 487.

⁴⁹⁹ O caminho para se fazer essa experiência é o *seguimento de Jesus*, sempre historizado ‘com espírito’ e sempre atualizado pelo ‘Espírito de Deus’. “É isto que significa o seguimento de Jesus como princípio epistemológico”. Cf. Idem.

⁵⁰⁰ *Ibid.*, p. 488.

⁵⁰¹ Idem.

conscientemente parcial,⁵⁰² prática da libertação,⁵⁰³ a vontade de Jesus manifestada nas bem-aventuranças.⁵⁰⁴

Na opinião de Sobrino, um povo crucificado que simultaneamente mantenha o Deus libertador do Êxodo e o Deus da cruz, está dizendo que crê em Deus e que entende por esse Deus em quem crê.⁵⁰⁵

3.3.2.3.

Mística da cruz e do martírio

Essencial para a fé em um Deus a partir das vítimas é ‘o não poder deixar de caminhar’. Nas vítimas, existe a exigência absoluta de trabalhar sempre para descê-las da cruz. E a partir delas se recebe a graça e a luz de que, apesar de tudo, é bom continuar caminhando a seu serviço. A postura de ‘não poder deixar de caminhar’, é a tradução histórica do ‘deixar Deus ser Deus’.⁵⁰⁶

Caminhar na história - diz Sobrino - tem importância para a teologia. Pois enquanto a fé é um caminhar com uma práxis para descer da cruz as vítimas, a teologia é *intellectus amoris*. Enquanto a fé é um caminhar com a esperança de que Deus fará justiça e o carrasco não triunfe sobre a vítima, a teologia é *intellectus spei*. Enquanto a fé é um ‘não poder deixar de caminhar’ porque algo,

⁵⁰² “Encarnar-se é colocar-se no lugar correto que, por sua própria realidade, permite ir optando cristamente diante das alternativas que se apresentam a todo homem, ao realizar sua própria existência, riqueza ou pobreza, vanglória ou humilhação, poder ou serviço”. SOBRINO, Jon. *A fé de um povo oprimido no Filho de Deus*, p. 39.

⁵⁰³ Uma prática “entendida a partir de Jesus como libertação, como anúncio do Reino de Deus aos pobres e as diversas formas de serviço para que se torne realidade esse anúncio”. Uma prática que requer que se firme a esperança como motor que a mantém e o amor como motivação formal. Cf. *Ibid.*, p. 40.

⁵⁰⁴ “O seguidor de Jesus deve possuir entranhas de misericórdia na própria luta necessária pela justiça. Deve possuir olhos límpidos para a verdade de Deus que não trivializa ou relativiza por igual todos os projetos históricos dos oprimidos, mas julga-os para que possam dar mais de si. Deve trabalhar pela paz, fazer do pacífico o ingrediente da luta pela justiça, mesmo quando a luta pela justiça, realizada justa e nobremente, implicar alguma forma de violência inevitável que pode chegar, em casos limites, a ser até legítima luta armada. Deve, sobretudo, estar disposto à perseguição, a manter-se com fortaleza dentro dela, até chegar a dar a vida, demonstração do maior amor e verificação do que o seguimento é realmente pro-existência”. *Ibid.*, pp. 40-41.

⁵⁰⁵ *Ibid.*, p. 42.

⁵⁰⁶ À luz de sua experiência em El Salvador, Sobrino constata que esse caminhar, cheio de obscuridade e sofrimento, produz também sentido da vida e mesmo alegria. Nesse caminhar se experimenta que a história e os seres humanos dão mais de si, com o que, apesar de tudo, se pode nomear o mistério da realidade e chamá-la de Abba, Pai. E afirma que enquanto isso ocorrer, ‘haverá seres humanos que – como Jesus – caminham com Deus e caminham rumo ao mistério de Deus’. Cf. SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 498.

anterior a nós, nos move a isso,⁵⁰⁷ a teologia é *intellectus gratiae*.⁵⁰⁸ “Sem dúvida, o cristianismo é uma religião da *ágape*, mas animado de esperança, por uma parte, e questionado, por outra, pela própria existência das vítimas”.⁵⁰⁹

De acordo com Sobrino, o caminhar está envolto no mistério da origem e do fim, mistério anterior a nós, do qual provimos que move a fazer o bem e nos atrai a esperar a vida definitiva. Esse mistério é graça, e as vítimas deste mundo, os povos crucificados, são a mediação dessa graça. Delas provém o dinamismo para a práxis do caminhar e a teimosia de esperar contra toda a esperança. Elas exigem uma religião do caminhar, mas oferecem também a direção desse caminhar e a graça para continuar caminhando.⁵¹⁰ À luz da identidade cristã em nosso tempo, somos convocados a caminhar com a teimosia da esperança,⁵¹¹ correspondendo com uma resposta pessoal à parábola viva que é Jesus Cristo.⁵¹²

O ânimo maior provém daqueles que animam com sua vida real, aqueles que hoje parecem em vida e em morte com Jesus. Ele é o caminho de Deus para este mundo de vítimas e de mártires, e é o caminho para o Pai e o caminho para os seres humanos, sobretudo para os pobres e as vítimas deste mundo.⁵¹³

Inúmeros são aqueles que, no altar da mãe Terra, oferecem sua vida por amor ao pobre, ao oprimido e desprezado, e com esperança de que sua entrega geraria vida, justiça e dignidade. Sobrino diz que estas pessoas “são conseqüentemente misericordiosas até o final”. Tal atitude magistral, o impele a sempre de novo, “repensar o martírio”.⁵¹⁴ Inúmeras são as pessoas que chegam a dar a vida pelos mais fracos, que reagem com misericórdia para defender as Vítimas da ordem econômica, e por isso, são assassinadas violenta, injusta e

⁵⁰⁷ “Havia em meu coração algo como um fogo ardente, preso a meus ossos, e embora eu me esforçasse por abafá-lo, não podia” (Jr 20,9).

⁵⁰⁸ Isso tem muita importância para a identidade cristã. Cf. SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 498.

⁵⁰⁹ As vítimas fazem com que a *ágape* tenha que ser histórica e transformadora da história. O Cristianismo oferece luz nesse caminhar e é perito ‘no saber como caminhar na história, como caminhar sempre e apesar de tudo e como caminhar humanizando os outros, as vítimas e a si mesmo’. Cf. Idem.

⁵¹⁰ Cf. Ibid., p. 500.

⁵¹¹ Idem.

⁵¹² Cf. Idem.

⁵¹³ Idem.

⁵¹⁴ Para um aprofundamento maior sobre o martírio, sugere-se a leitura da revista *Concilium*/299, 2003/1.

indefesamente.⁵¹⁵ As mortes dos mártires são, antes de tudo, expressão do amor ao pobre e à vítima, e sua excelência provém desse amor.⁵¹⁶

A realidade deste mundo marcado pela crueldade⁵¹⁷ que gera morte de milhões de seres humanos faz pensar e repensar o martírio.⁵¹⁸ A realidade é inegável, mas as vítimas nem nome têm eclesial ou teológico,⁵¹⁹ e muito menos ainda se concebe algum tipo de dignidade à sua morte.⁵²⁰

O martírio⁵²¹ é ‘eixo central da teologia de Sobrino’.⁵²² Ele é “mártir sobrevivente”⁵²³ por uma grande causa.⁵²⁴ E sua “opção livre e evangélica”,

⁵¹⁵ OKURE, T. – SOBRINO, J. – WILFRED, F. *Repensar o martírio*. In: Concilium/299, 2003/1, p. 7.

⁵¹⁶ Cf. Idem.

⁵¹⁷ Em nível de memória cruel, eis uma das barbáries ocorridas, mas por ‘honradez com o real’, tornou-se sinal de vida e esperança: “Fazendo um paralelo entre a Baixada e Kosovo, o jornalista diz que os bombardeios da Otan não mataram tanta gente quanto a guerra silenciosa da Baixada Fluminense. Entre 24 de março e 09 de junho de 1999, enquanto durou a ofensiva da Otan sobre os Balcãs, os 12 municípios da Baixada somaram 647 mortos, contra 606 registrados na guerra. ‘A fé no lugar da dor. Uma Igreja foi construída na mesma casa em que família foi chacinada há 11 anos. Na noite do dia 3 de maio de 1988, no jardim Amapá, cidade de Duque de Caxias, Baixada Fluminense, o terror passou pela casa do comerciante Sebastião, a mulher, Maria das Neves, grávida de quatro meses, e as filhas, Eliete, 9 anos, Elionete 7, e Elizete, 5. Estupraram Maria das Neves, um de cada vez, num ritual de sadismo. As três garotas assistiram a tudo. Depois, mataram a facadas o que restou da mulher. Em seguida, foi a vez das meninas. Foram mortas a golpes de faca diante do pai. Amordaçado, ele assistia a tudo. Foi o último a ser assassinado. Morreu enforcado, com uma corda no pescoço. Paraibano, radicado há dez anos na Baixada, Sebastião, 30 anos, tinha um pequeno bar no bairro e não permitiu que os traficantes da área vendessem drogas para seus fregueses. Os bandidos encararam isso como um desafio. ‘Era uma família honesta, trabalhadora. As meninas frequentavam a catequese e ele estava construindo a casa em que sua família foi assassinada’, lembra padre Bruno Costanzo, pároco do Jardim Amapá. Onze anos depois, o crime segue impune. Nenhum dos matadores foi identificado. A resposta à barbárie veio dos moradores. Ergueram a Igreja de Nossa Senhora dos Mártires da Baixada na mesma casa em que a família foi assassinada. A igreja foi inaugurada em 11 de agosto. O quarto da tragédia virou uma capela. ‘Hoje é lugar de encontros religiosos’, diz a cozinheira Jorgina Alves. Um cartaz na entrada confirma. Com uma foto de Eliete, Elionete e Elizete, ali está escrito: ‘Este lugar é sagrado. Aqui “foram sacrificados nossos mártires e Jesus espera por você”’. Cf. MEDEIROS, Alexandre. *A violência como rotina*. Revista Época, n. 67. p. 60-63, agosto. 1999.

⁵¹⁸ Cf. OKURE, T. et al. *Repensar o martírio*. p. 9.

⁵¹⁹ Com Sobrino, é importante insistir que diante deste ‘mundo cruel’, torna-se urgente ‘repensar o martírio’. Bem como, assumir uma postura atenta à realidade social, eclesial e teológica. A existência da Comunidade Nossa Senhora dos Mártires da Baixada que continuamente acolhe o povo de Deus para celebrar o memorial da vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, comprova que houve e há sensibilidade, ‘misericórdia’ e ‘honradez com o real’ por parte das lideranças eclesiais das Igrejas Diocesanas de Duque de Caxias e São João de Meriti; e Nova Iguaçu. Estas abraçam e acolhem o ‘Memorial dos Mártires’ e os nomeia.

⁵²⁰ OKURE, T. et al. *Repensar o martírio*, p. 10.

⁵²¹ José Sols se surpreende que na Notificação da Congregação para a Doutrina da fé sobre as obras de Jon Sobrino, não aparece as palavras “mártir”, “martírio”; nem tampouco um verbo ou adjetivo com esta raiz: “martirial”, “martirizar”. Ele diz que é incompreensível tamanho descuido após seis anos de estudo destas duas obras de Sobrino. Cf. SOLS, José. *Teologia do martírio*, p. 298.

continua junto às maiorias sofredoras da terra. Inesquecível é o papel que o martírio teve na fundação da Igreja, assim como ao longo de sua história.⁵²⁵ “O cristianismo é ininteligível sem seu nervo martirial”.⁵²⁶ “A teologia de Sobrino é igualmente ininteligível sem aludir à figura do arcebispo dom Oscar Romero”.⁵²⁷ Romero teve em Jon Sobrino seu principal teólogo, e por ele foi consultado em múltiplas ocasiões. A teologia de Romero⁵²⁸ era a teologia de Sobrino.⁵²⁹ E assim

⁵²² “Ele mesmo, bem como toda a comunidade jesuíta de El Salvador, esteve ameaçado de morte por grupos vinculados ao exército salvadorenho (União Guerra Branca, major [Roberto] D’ Aubuisson, esquadrões da morte etc). desde 1977 até aproximadamente 1991”. Cf. Idem.

⁵²³ Entre os anos 1977-1991, Sobrino “se levantava todo dia co o temor de que uma bala ou uma bomba acabasse com sua vida, mas possuía a convicção de que estava onde tinha que estar. A Universidade Centroamericana (UCA) de El Salvador; onde é professor de Teologia, foi alvo, durante aqueles anos, de 25 bombas. As ameaças não eram brincadeiras de mau gosto: o pe. Rutilio Grande, sj, foi assassinado em 1977; o arcebispo dom Oscar Romero, em 1980; quatro missionárias norte-americanas, em 1980; seis jesuítas da UCA, em 1989 e uma multidão de agentes da Palavra, catequistas e educadores católicos foram assassinados por anunciar que o Deus da Vida que se mostrou em Israel e em Jesus Cristo condenava aquelas injustiças e aquela opressão”. Cf. SOLS, José. *Teologia do martírio*, p. 298.

⁵²⁴ “Jon Sobrino é uma testemunha viva do Cristo que deu sua vida pelos demais até morrer na cruz; felizmente, ele continua vivo, mas sua teologia, sua fé, é a mesma dos seis mártires da UCA, que são o grande símbolo das 75 mil pessoas que morreram em El Salvador durante aqueles anos, e das mais de 200 mil pessoas que morreram na vizinha Guatemala, para não citar outros países do Subcontinente”. Os padres Jon Sobrino e Rodolfo Cardenal, únicos membros da comunidade dos jesuítas que não estavam em casa naquela noite, ficaram como testemunhas vivas daquelas Testemunhas Vivas que foram os seis mártires da UCA e as duas mulheres, Elba e Celina Ramos. Cf. *Ibid.*, p. 301.

⁵²⁵ Dado central da fé cristã é a morte de cruz do Senhor bem como a morte martirial da maioria dos doze apóstolos, do apóstolo Paulo e de centenas de cristãos das primeiras comunidades cristãs. Cf. *Ibid.*, p. 299.

⁵²⁶ Idem.

⁵²⁷ “A pastoral do arcebispo Romero em sua diocese desde 1977 (quando foi nomeado Arcebispo da capital, concretamente a partir do dia do assassinato de seu bom amigo, o pe. Rutilio Grande, sj, em 12 de março) até 1980 (quando foi assassinado) constitui uma das mais brilhantes transparências do Reino de Deus na Igreja contemporânea. Suas homilias, seus textos pastorais e seus discursos serão estudados e rezados na Igreja durante séculos”. Idem.

⁵²⁸ No artigo intitulado “Com Dom Romero Deus passou por El Salvador”, Sobrino recorda frases pronunciadas por Ignacio Ellacuría sobre a pessoa de Romero e confirma-o como “Pai da Igreja”, pois “foi um enviado de Deus para salvar seu povo”. Aqui nosso Autor descreve o itinerário de “conversão” para gerar uma “nova” Igreja. Padre de uma Igreja profética e martirial a serviço de Deus e da libertação, Dom Romero “caminhou com maior decisão como seguidor de Jesus” e “durante três anos serviu ao Reino de Deus - sempre com a consciência de ter de lutar contra o antirreino - e pôs a Igreja a serviço do Reino. Fez uma opção total pelos pobres. A eles anunciou a boa notícia da libertação e de um Deus libertador. Viu neles Cristo crucificado, neles escudou a voz de Deus e neles encarnou-se”. Cf. SOBRINO, Jon. *Com Dom Romero Deus passou por El Salvador*. In: *Concilium*/333, 2009/5, pp. 85-95.

⁵²⁹ Cf. SOLS, José. *Op.cit.*, p. 300.

era, porque a Igreja que ele servia era uma ‘Igreja de mártires’.⁵³⁰ Ele mesmo animou a Igreja a ser Igreja de Jesus e Igreja salvadorenha, e por esta razão alegrou-se de ser uma Igreja martirial. Morreu como seu povo pela causa da libertação.⁵³¹ Neste mundo de pobres de vítimas, urge recordar e retornar, portanto, à Dom Romero e à Igreja de mártires.⁵³² Para isso, necessita-se urgentemente de profecia e testemunho no seguimento para anunciar a boa notícia da libertação e de um Deus libertador.

3.3.3.

Profecia e Testemunho no despertar da inumanidade para as não Vítimas.

De acordo com Sobrino, as vítimas necessitam urgentemente da mediação: um Reino de Deus que satisfaça plenamente suas esperanças messiânicas.⁵³³ Elas são a imensa maioria da humanidade e necessitam de utopias para tornar possível a vida.⁵³⁴ O Terceiro Mundo continua esperando que apareçam “líderes com coração de carne” que lhes deem esperança e ofereçam caminhos de vida.⁵³⁵ Ele diz que tanto em El Salvador, bem como em outros países latino-americanos, as Vítimas tomaram a palavra e se puseram a produzir suas esperanças que

⁵³⁰ Sobrino relata que durante os três anos do ministério de D. Romero, muitos sacerdotes, delegados da palavra, leigos e leigas morreram assassinados. “Era o martírio de Jesus em nossos dias. E houve massacres de camponeses. Era o “servo sofredor de Javé”. Sobrino diz que ao falar de um sacerdote assassinado, D. Romero explicou com clareza as razões do martírio: “Mata-se a quem estorva..., como mataram a Cristo” (23 de setembro de 1979). E pronunciou palavras de causar calafrios: “Alegro-me, irmãos, de que nossa Igreja seja perseguida” (15 de julho de 1979). “Seria triste se numa pátria em que se está assassinando tão horrorosamente não contássemos entre as vítimas também os sacerdotes”. Eles são o testemunho de uma Igreja encarnada nos problemas do povo” (4 de julho de 1979). Cf. SOBRINO, Jon. *Com Dom Romero Deus passou por El Salvador*, p. 92.

⁵³¹ Cf. *Ibid.*, p. 93.

⁵³² “Dom Romero deve continuar sendo referência de uma Igreja que quer parecer-se com Jesus, num mundo que gera tantas mortes”. Cf. *Idem.*

⁵³³ *Id. Messias e messianismos*, p. 144.

⁵³⁴ *Ibid.*, p. 133.

⁵³⁵ *Idem.*

encontraram eco em pastores como Dom Romero⁵³⁶ e em intelectuais como Ignacio Ellacuría,⁵³⁷ os quais, foram testemunhas proféticas⁵³⁸ numa Igreja martirial.⁵³⁹

O “martírio” é um conceito histórico. Para “repensá-lo”, será preciso analisar a realidade que o faz existir e por que o leva a efeito. Nesta análise, é importante incluir também as imensas maiorias, Vítimas de uma morte injusta, violenta ou lentamente.⁵⁴⁰

Sobrino diz que há um mundo de vítimas e vitimários. A globalização contribuiu no acúmulo dos ‘excluídos’ e por isso é preciso falar de vitimários. Estes são responsáveis pelos milhões de seres humanos que continuam sofrendo, injusta e inocentemente, mortes violentas em repressão, guerras e massacres. Bem como, pelo incontável número daqueles que sofrem uma morte lenta, por causa da pobreza, sobretudo mulheres e crianças, além da morte de sua dignidade, de suas culturas.⁵⁴¹ Ele ressalta que ante o mundo cruel, encontra-se um mundo de compaixão que conduz ao amor supremo. Nele, encontram-se pessoas que, diante das vítimas, reagem e procuram defendê-las de diversas formas e às vezes o fazem

⁵³⁶ Sobrino testemunha que Dom Romero serviu ao Reino de Deus durante três anos, sempre com a consciência de ter de lutar contra o antirreino e pôr a Igreja a serviço do Reino. Pregava com a Bíblia em uma das mãos e com a realidade na outra, e estando imerso nela. Sua prece na véspera de seu assassinato configuram sua vida profética e martirial: “Peço ao Senhor, durante toda a semana, enquanto vou recolhendo o clamor do povo e a dor de tanto crime, a ignomínia de tanta violência, que me dê a palavra oportuna para consolar, para denunciar, para chamar ao arrependimento” (Homilia do dia 23 de março de 1980). Cf. Id. *Com Dom Romero Deus passou por El Salvador*, p. 91.

⁵³⁷ De acordo com Francisco de Aquino Paulino, Ignacio Ellacuría é ‘contado entre os teólogos da libertação e como tal é conhecido e reconhecido’; ‘ele mesmo se considerava um teólogo da libertação’; ‘é um mártir do reinado de Deus, do povo salvadorenho’. “Como um *mártir teólogo*, fez do seu quefazer teológico uma forma privilegiada de testemunho da Verdade, do Evangelho”. Cf. PAULINO, Francisco de Aquino. *A teologia como inteligência do reinado de Deus*, pp. 86-87.

⁵³⁸ “Em El Salvador, os pobres e as pessoas de bem, ‘nunca haviam sentido Deus tão perto, o Espírito tão operante, o cristianismo tão verdadeiro, tão cheio de sentido, tão cheio de graça e de verdade”. Cf. SOBRINO, Jon. *Com Dom Romero Deus passou por El Salvador*, p. 94.

⁵³⁹ Id. *Messias e messianismos*, p. 133.

⁵⁴⁰ Nesta reflexão acerca do martírio, Sobrino se baseia no que sucedeu nas últimas décadas no Terceiro Mundo, sobretudo na América Latina, onde o “martírio” foi originado por razões históricas, sociais, militares, políticas e econômicas. E está conceitualizada, fundamentalmente, a partir da tradição bíblico-jesuânica, da experiência latino-americana e de situações semelhantes na Ásia e na África. Cf. Id. *Nosso mundo. Crueldade e compaixão*. In: *Concilium*/299, 2003/1, p. 12.

⁵⁴¹ Sobrino lembra que conforme os dados da atualidade, 1. 300 milhões têm que viver com menos de um dólar por dia; na República Democrática do Congo, nos últimos quatro anos, morreram em torno de três milhões de seres humanos numa guerra provocada pelos países poderosos para conseguir o controle dos minérios. A maioria dessas mortes tem causa históricas. Por ação, quando são infligidas por instituições e estruturas; ou por omissão, quando muitas dessas tragédias não são eliminadas, podendo sê-lo. Cf. *Ibid.*, p. 13.

até o fim.⁵⁴² Inclusive, há mortes (torturas físicas e psicológicas) por fidelidade à fé, a uma religião ou Igreja. É a morte sofrida no testemunho da fé. Aqui está a compreensão normal e canônica do martírio.⁵⁴³

Profetizar na sociedade ou na Igreja significa recordar a morte dos mártires para descer da cruz os povos crucificados. A “eles, devemos mostrar-lhes dor, compaixão, reverência”.⁵⁴⁴ Vale dizer, os mártires são mestres e ensinam uma grande lição: “Viver é aprender a sofrer com a graça, elegância, generosidade; a lutar, sim, mas aceitando ao mesmo tempo o sofrimento e a tragédia sem ódio e sem perder a esperança”.⁵⁴⁵

É necessário contemplar este mundo cruel à luz da compaixão e resgatar a memória dos mártires das diversas religiões, demonstrando que têm um traço em comum: “aceitaram sofrer a morte violenta por uma fé e/ou uma causa”.⁵⁴⁶

3.3.3.1.

Profecia diante do clamor das vítimas

Jesus foi um ‘iluminado’ em relação à verdade de Deus e um ‘mestre da suspeita’ em relação ao uso que se faz de Deus.⁵⁴⁷

Sobrino apresenta Jesus Cristo como uma parábola aberta, e diz que de nós depende aceitar ou não o que ela significa.⁵⁴⁸ Ele recorda que Jesus de Nazaré foi homem de misericórdia e de fidelidade, de boa notícia para os pobres e de denúncia dos opressores, de esperança na vinda do Reino e de fortaleza até a cruz.⁵⁴⁹ “Jesus foi honrado com a realidade e desmascarou a mentira que a

⁵⁴² SOBRINO, Jon. *Nosso mundo*, p. 13.

⁵⁴³ Idem.

⁵⁴⁴ Cf. OKURE, T. et. al. *Repensar o martírio*, p. 10.

⁵⁴⁵ Ibid., p. 11.

⁵⁴⁶ Segundo Sobrino, nas diversas religiões e ideologias humanitárias, ortoga-se as suas mortes uma especial “dignidade”, e “excelência”, independentemente dos termos que se usam para designá-la. Cf. SOBRINO, Jon. *Nosso mundo. Crueldade e compaixão*, p. 12.

⁵⁴⁷ Id. *Onde está Deus?* p. 70.

⁵⁴⁸ Cf. Id. *A fé em Jesus Cristo*, p. 12.

⁵⁴⁹ Cf. Id. *Onde está Deus?* p. 70.

oprime”.⁵⁵⁰ Para Jesus, “os seres humanos têm dificuldade em manter a honradez com a realidade de Deus e a manipulam”.⁵⁵¹

Sobrino diz que junto com a injustiça estrutural e a violência institucionalizada existe o encobrimento, a mentira institucionalizada⁵⁵² e que é importante deixar a realidade falar. Ele recorda a expressão de Karl Rahner:⁵⁵³ ‘a realidade quer tomar a palavra’ E se ‘a palavra se fez realidade (carne, *sarx*), a realidade quer fazer-se *palavra*’. Portanto, esta deixa de ser realidade factual, silenciosa, oprimida e tergiversada, tornando-se assim, realidade “real”, realidade falante e liberada.⁵⁵⁴ “Quando a realidade que se aborda é o sofrimento, então este deve ser lembrado não somente por razões de humanidade, mas porque é necessário para constituir o pensamento”.⁵⁵⁵

De acordo com Sobrino, importa lembrar que a origem histórica da revelação acontece quando Deus escuta a palavra da realidade, palavra que toma forma de um ‘clamor’ de seres humanos sofredores (Êxodo 3,7). E que a origem da palavra ‘clamor’ é uma ajuda hermenêutica de singular importância para buscar e escutar a palavra que a realidade pronuncia ao longo da história.⁵⁵⁶ Para escutar a palavra verdadeira da realidade, ele sugere que se levem a sério tanto a ‘época histórica’ quanto a ‘geografia’ onde se escuta a palavra da realidade. Pois a história mostra que não se escutam nem se discernem ‘as mesmas coisas’ em um lugar ou em outro.⁵⁵⁷

Ele afirma que a tradição latino-americana de Medellín e Puebla está sendo ignorada. Tanto *Medellín* como *Puebla* veem a irrupção do pobre como o grande sinal dos tempos, o que, por um lado, descreve adequadamente a realidade e, por

⁵⁵⁰ Segundo Sobrino, a finalidade de Jesus em sua práxis consistia em desideologizar, ou seja, libertar os seres humanos da armadilha de justificar situações injustas e inumanas na consciência social. Cf. SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p. 70.

⁵⁵¹ *Ibid.*, p. 72.

⁵⁵² Segundo Sobrino, “oprimir a verdade com a injustiça” é pecado fundamental que tem conseqüências profundas tal como ele as destaca: “a realidade perde sua transparência e sua capacidade de ser sacramento (de Deus); o coração do ser humano entenebrece e fica entregue a todos os vícios (Romanos 1, 18-32)”. *Ibid.*, p. 74.

⁵⁵³ RAHNER, K. *Para uma teologia Del símbolo. Escritos de teologia*. Madri: Taurus, 1962. V. IV. pp. 283-321. Apud SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p. 76.

⁵⁵⁴ Cf. SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p. 76.

⁵⁵⁵ *Ibid.*, p. 80.

⁵⁵⁶ Cf. *Ibid.*, p. 76-77.

⁵⁵⁷ Cf. *Ibid.*, p. 77.

outro, mostra o lugar da presença de Deus.⁵⁵⁸ Bem como, compreendem a palavra da realidade como clamor, e com isso, retornam à tradição do Êxodo:

Assim começava Medellín, em 1968, ao analisar a realidade do continente: ‘Essa miséria, como fato coletivo, é uma injustiça que clama aos céus’ (Justiça 1). E Puebla, em 1979, dizia: ‘Um surdo clamor brota de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não chega a eles de lugar nenhum’ (Pobreza da Igreja, n. 2). ‘O clamor pode ser crescente, impetuoso e, em certas ocasiões, ameaçador’ (n. 88s).⁵⁵⁹

De acordo com Sobrino, a tradição de Jesus apresenta a grande verdade de que existe a realidade dos pobres, massificada, cruel e injusta. E disso tiram-se as consequências: a denúncia daqueles que causam a pobreza e a defesa dos pobres.⁵⁶⁰ “Jesus aparece em relação constitutiva com o Reino de Deus, e que este Reino é, diretamente, para os pobres. Esse fato fundamental basta para fazer dos pobres – *a priori*, se preferir – algo central nos evangelhos”.⁵⁶¹

Recordando a realidade de seu fazer teológico, diz que El Salvador é um país vulnerável porque é pobre devido à injustiça.⁵⁶² E acrescenta que ‘não podemos falar do El Salvador real sem falar de injustiça e de injustiça estrutural’. E mais, que a injustiça crucifica; e ‘a diferente forma de crucificação’ dependerá das circunstâncias.⁵⁶³ Para ele, a realidade é aterrorizante.⁵⁶⁴ Viver é uma carga pesada sempre, e os pobres estão mais desvalidos para suportá-la. Eles são sempre os mais vulneráveis diante dos ricos e das pragas sociais.⁵⁶⁵

⁵⁵⁸ Cf. SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p. 78.

⁵⁵⁹ Sobrino diz que é importante dar voz à realidade, pois se ela fala e Deus pode falar nela, especialmente na forma de clamor, então temos que escutá-la. Nesta postura, manifesta-se, pois, a essência do ser humano: ser “ouvinte da palavra” e inicia-se sua própria humanização. Portanto, “chegar a ser humano é, definitivamente, dar voz e palavra à realidade, quando esta é silenciada e oprimida, colaborar com sua balbúcia para que se transforme em palavra clara – ao mesmo tempo exigente e portadora de uma promessa”. Cf. SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p. 78.

⁵⁶⁰ *Ibid.*, p. 98.

⁵⁶¹ Ressalta Sobrino: “Digamos, em tese, que se os pobres desaparecessem dos evangelhos (não somente quando são mencionados com o nome de ‘pobres’, mas de muitas outras maneiras), o texto evangélico ficaria notoriamente reduzido. Mas mais importante do que o fato quantitativo é o qualitativo: sem a realidade dos pobres deixariam de ter sentido a pessoa, as palavras e a práxis de Jesus. Também sua oração ao Pai e seu destino na cruz”. Cf. *Idem*.

⁵⁶² Cf. *Ibid.*, p. 85.

⁵⁶³ Cf. *Ibid.*, p. 89.

⁵⁶⁴ Cf. *Ibid.*, p. 95.

⁵⁶⁵ Cf. *Ibid.*, p. 91.

A tradição bíblica cristã nos diz que a redenção vem dos pobres e dos desprezados da terra.⁵⁶⁶ O símbolo central da redenção é o Crucificado e Ressuscitado. O povo crucificado poderá redimir a globalização superando a “civilização dos ricos” através de sua “civilização da pobreza”.⁵⁶⁷ A revelação de Deus é reação ao sofrimento que alguns seres humanos infligem a outros: o sofrimento das vítimas. Sobrino nomeia esta reação de “misericórdia”, a qual deve ser historizada segundo a vítima e diz que quando esta é todo um povo oprimido, a misericórdia se torna necessariamente justiça.⁵⁶⁸ Urge compreendê-la, portanto, como princípio que permanece presente e atuante ao longo de todo o processo, dando-lhe rumo e conteúdos fundamentais, ou seja, como princípio que principia realidades importantes e duradouras.⁵⁶⁹ É o que se verá no item a seguir.

3.3.3.2.

Profecia e misericórdia: a reação de Deus.

O ressuscitado é Jesus de Nazaré, aquele que anunciou o Reino de Deus aos pobres, denunciou os poderosos, foi perseguido e injustiçado, e manteve em tudo isso uma radical fidelidade à vontade de Deus e uma radical confiança nesse mesmo Deus, que chamava de Pai.⁵⁷⁰

Segundo Sobrino, a ressurreição de Jesus, como ação fundante do Novo Testamento, é também uma ação libertadora: fazer justiça a uma vítima.⁵⁷¹ A ressurreição de Jesus transmite que Deus é o Deus libertador de vítimas.⁵⁷² A ressurreição diz alteridade com relação às vítimas e a cruz diz afinidade. A ressurreição diz que em Deus há radical alteridade com relação aos seres humanos, que Ele pode conseguir o que para estes é afinal de contas impossível: a

⁵⁶⁶ SOBRINO, Jon / WILFRED, Félix. *As razões para o retorno deste tema. In: Concilium/293*, 2001/5. p. 13.

⁵⁶⁷ Idem.

⁵⁶⁸ Cf. SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 132.

⁵⁶⁹ Ibid., p. 133.

⁵⁷⁰ Ibid., p. 134.

⁵⁷¹ Cf. Ibid., p. 133.

⁵⁷² Cf. Ibid., p. 134.

libertação e a salvação absolutas.⁵⁷³ Ele afirma que na experiência das vítimas o Deus ressuscitador-libertador exprime a eficácia do amor e da salvação, e o Deus crucificado-solidário exprime a credibilidade, a graça e a ternura. O Deus libertador exprime a alteridade, e o Deus crucificado, a afinidade.⁵⁷⁴

Sobrino diz que Deus se mostra como parcial para com as vítimas, e a partir daí como Deus universal; mostra-se como amor ativo-libertador e passivo-solidário; e se mostra como o Deus do futuro, Deus a caminho. E acrescenta que, se o mistério de Deus exige como coisa central caminhar na história, terá que ver não só como Jesus é sacramento do Pai, mas também como é caminho para o Pai, e como a fé em Jesus Cristo assume em sua realidade existencial, na *fides qua*, essa dupla dimensão de crer em Cristo como o Filho que faz presente o Pai, descendentemente e como o Caminho que leva ao Pai ascendentemente. Ele afirma que o seguimento de Jesus será elemento da constituição dessa fé diante do e no mistério de Deus.⁵⁷⁵ E que a identidade cristã pode ser compreendida como o modo de caminhar na história respondendo e correspondendo a esse Deus e confirma que é uma forma de compreender o humano a partir do Deus que se revela na páscoa de Jesus.⁵⁷⁶

Sobrino diz que o caminhar humildemente com Deus na história é concreto e exige o deixar Deus ser Deus, com o que se mantém o seu mistério. E afirma que esse caminhar produz também alegria e sentido da vida, nele se experimenta que a história e as pessoas dão mais de si, e deste modo se pode dar a esse mistério o nome de *Abba*, Pai. E enquanto isso ocorrer haverá seres humanos que, como Jesus, caminham rumo ao mistério de Deus. E Deus se lhes converte em mistério de graça.⁵⁷⁷ Com a ressurreição fica reformulado de maneira nova o

⁵⁷³ Na ressurreição _ a alteridade de Deus _ apareceu a eficácia do amor. A cruz, por seu lado, diz afinidade de Deus com as vítimas: nada na história pôs limites à proximidade de Deus. O libertador e salvífico de um Deus crucificado está em que as vítimas possam superar a solidão e orfandade radicais, possam superar a indignidade total. Cf. SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 140.

⁵⁷⁴ Para Sobrino, é importante enfatizar a realidade do Deus menor, pois algo existe neste Deus que atrai as vítimas. Por isso é necessário recordar sempre o Deus crucificado superando o reducionismo da cruz. Portanto, importa manter a dialética que dá a Deus o novo e definitivo nome: “Deus é amor” (1 Jo 4,8.16): a ação libertadora de Deus na ressurreição e a passividade solidária na cruz. Cf. SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 141.

⁵⁷⁵ *Ibid.*, p. 147.

⁵⁷⁶ *Ibid.*, p. 148.

⁵⁷⁷ *Idem.*

mistério da *fides quae*, mas permanece, e até em maior grau, a *fides qua*: a entrega ao mistério.⁵⁷⁸

De acordo com Sobrino, a ressurreição de Jesus pode ser descrita como uma ação em princípio histórica enquanto acontecida na história, como uma afirmação querigmática, enquanto esta ação é atribuída a Deus na fé, e como uma afirmação doxológica enquanto afirma algo de Deus em si mesmo: Deus ressuscitador, *é o Deus das vítimas*. E que é importante frisar que na passagem da afirmação histórica à afirmação querigmática e à doxológica não só está em jogo uma nova formulação da *fides quae*, mas um novo exercício da *fides qua*.⁵⁷⁹ Com isso conclui que a ressurreição de Jesus é uma ação a partir da qual, e atribuindo-a a ele, Deus se revela em sua realidade-conteúdo, e por isso é uma afirmação de tipo querigmático, até certo ponto controlável. E por ser afirmação querigmática, desemboca em uma afirmação doxológica de realidade-mistério diante da qual só fica a entrega do eu, o deixar Deus ser Deus. Tal entrega pode ser compreendida segundo o modelo do culto ou segundo do caminhar humildemente, o importante é que Deus continue permanecendo mistério.⁵⁸⁰

Para Jesus, Deus é Pai, mas o Pai continua sendo Deus. Jesus descansa em um Deus que é Pai, mas esse Pai não o deixa descansar porque é Deus. De modo semelhante, a partir da ressurreição podemos dizer que Deus é o libertador das vítimas em quem podemos confiar, mas esse libertador continua sendo Deus, a quem devemos entregar-nos.⁵⁸¹

3.3.3.3.

Profecia e capacidade para carregar a realidade

Muitos devem ser os ídolos em nosso mundo, pois milhões de seres humanos são as vítimas.⁵⁸²

⁵⁷⁸ SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, pp. 148-149.

⁵⁷⁹ *Ibid.*, p. 150.

⁵⁸⁰ *Ibid.*, p. 151.

⁵⁸¹ *Ibid.*, p. 152.

⁵⁸² *Id. Onde está Deus?* p. 21.

O que torna eficaz qualquer ideal humanizador e libertador pelo qual se trabalha e se luta, é “o ‘carregar a realidade’,⁵⁸³ que expressa o mistério do amor como resposta ao enigma da iniquidade. “Na linguagem tradicional, o *mysterium salutis* (o amor) é a outra face – misteriosa – do *mysterium iniquitatis* (a maldade)”.⁵⁸⁴

Sobrino testemunha e afirma que quem carrega a realidade até o final são os mártires.⁵⁸⁵ A universalidade do ‘martírio’ pode servir como princípio utópico e como eixo sobre o qual gire uma globalização humana de solidariedade.⁵⁸⁶ Se considerarmos os mártires especificamente, a partir da tradição bíblico-cristã, queremos chamá-los de mártires jesuânicos, porque morrem como Jesus por terem vivido, trabalhado e lutado como ele.⁵⁸⁷

A mística dos mártires provém de um profundo amor ao pobre, no amor de Jesus, e uma defesa do oprimido, como a de Jesus.⁵⁸⁸ Os mártires apontam para uma esperança de que haverá justiça para as vítimas.⁵⁸⁹ Tratando-se de cristãos, são mártires na igreja, mas não são, formalmente falando, mártires da Igreja, e assim, também a partir da tradição bíblico-cristã, o martírio aparece como uma realidade universal e ecumênica. São mártires da humanidade,⁵⁹⁰ aqueles que agiram e agem profeticamente inseridos na realidade, com capacidade para carregá-la com humildade e sempre a caminho.

Sempre há uma esperança que surge da compaixão e do amor. E no momento atual, “ela surge da reconciliação, do perdão, da imensa reserva de santidade primordial que existe no Terceiro Mundo”. E também da solidariedade de pessoas e grupos que, vivendo no mundo da abundância, não se deixaram

⁵⁸³ Cf. SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p. 22.

⁵⁸⁴ De acordo com Sobrino, o mistério não explica as coisas, mas sem ele não se sabe o que fazer com realidades tão profundas como o amor, a reconciliação, o perdão, a salvação, todas tão necessárias para que este mundo seja humano, especialmente em tempos de barbárie e terrorismo. Cf. *Ibid.*, p. 23.

⁵⁸⁵ “Mártires são os que vivem e morrem como Jesus porque defendem os pobres e oprimidos. São chamados de ‘mártires jesuânicos’. E são mártires – e aqui temos uma novidade importante, quase nunca levada em consideração – as maiorias massacradas de maneira inocente ou sem defesa, inclusive independente de sua religião”. Cf. *Idem.*

⁵⁸⁶ OKURE, T. et al. *Repensar o martírio*, p. 8.

⁵⁸⁷ *Idem.*

⁵⁸⁸ *Idem.*

⁵⁸⁹ *Idem.*

⁵⁹⁰ *Idem.*

vencer por sua lógica e encontram vida ao tentar passá-la às vítimas deste mundo.⁵⁹¹

3.4. A modo de conclusão

Neste capítulo, cogitou-se o tema *Jon Sobrino e sua releitura teológica* considerando os seguintes itens: a relevância da obra teológica de Jon Sobrino para a missão da Igreja hoje na América Latina e no Caribe, o Deus revelado em Jesus Cristo e a postura ética, mística e profética no labor teológico de Jon Sobrino. Acerca da relevância da obra de Jon Sobrino, demonstrou-se que o fator decisivo da articulação do seu pensamento está em conexão com a realidade latino-americana, com a qual, toda a sua teologia busca transformar. Ressaltou-se que suas reflexões suscitam questões sobre os seres humanos, sobre Deus e sobre a salvação e são conceituadas à luz da tradição bíblico-cristã, historiada fundamentalmente pela TdL, refletindo-as desde El Salvador. Viu-se como Sobrino apresenta Jesus Cristo, como a autêntica revelação de Deus na realidade de todas as pessoas, especialmente, das vítimas da história, abordando os temas fundamentais de sua teologia. Vislumbrou-se o anúncio do Reino de Deus como dinamismo da prática pastoral na realidade das vítimas, descrevendo as três vias que o caracterizam com mais proeminência: via nocional, via do destinatário e via da prática de Jesus.

Enfim, ratificou-se que a Teologia de Jon Sobrino é impregnada pela *ética* de compaixão, justiça e solidariedade; possui no seu âmago a mística do reencantamento no mundo das vítimas; e é sinal de profecia e Testemunho no despertar da inumanidade para as não-vítimas. Destacou-se, enfim, a teologia como “*intellectus amoris*” e o “Princípio Misericórdia”; a mística do povo crucificado, do seguimento, da cruz e do martírio; a profecia diante do clamor das

⁵⁹¹ Na opinião de Sobrino, não abundam teologias que registrem adequadamente reflexões cristãs sobre pecado e vítimas, salvação e redenção. Por isso ele cita Ignacio Ellacuría frequentemente, pois este pensou sobre todas estas questões e de maneira exemplar. E assim o fez, com sua excepcional inteligência, bem como, por “estar na” realidade da tragédia e da compaixão. Cf. SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* p. 26.

vítimas que com ‘entranhas de misericórdia’ capta a reação de Deus e a capacidade para carregar a realidade.

Resta agora perceber a universalidade da opção pelas vítimas da história na Teologia de Jon Sobrino. A finalidade é assinalar o Princípio Misericórdia como eixo dinamizador do encontro com o Crucificado-Ressuscitado e da missão. E ao optar pela vida das vítimas na diversidade, sob o espírito de ética, mística e profecia, se estará contribuindo para que os povos tenham Vida.